

# *Memória*



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 35, N. 1, JAN.–DEZ. 2024  
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Richard Wagner, gravação de August Weger a partir de fotografia de Trinquart, s.d. (Bildarchiv da Bayerische Staatsbibliothek).

# Carlos Henrique Hunsche em torno de Wagner no contexto das relações político-culturais Brasil-Alemanha, 1933–1945<sup>1</sup>

João Vidal<sup>2</sup>

**RESUMO:** Publicado em 1939, o ensaio *Richard Wagner und Brasilien* do teuto-brasileiro Carlos Henrique Hunsche foi recepcionado no Brasil de forma tão discreta quanto intensa. O significado histórico-cultural da documentação relacionada aos contatos de D. Pedro II e Ferreira França Filho com Wagner, apresentada em primeira mão por Hunsche como anexo ao texto, foi reconhecido e discutido por Feder (1943), Lacombe (1944), Mariz (1988), Bispo (2014a) e, em um contexto mais amplamente latino-americano, Stevenson (1983). Pouca atenção foi dada, porém, à figura do próprio Hunsche, que com seus enunciados insere-se em processos político-culturais de mais amplas dimensões. Quem é Hunsche, e porque diz o que diz, no momento e no lugar em que o faz, e com que interesses: é o que o estudo a seguir procura esclarecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** C. H. Hunsche. Nacional-Socialismo. Wagner. Brasil.

**ABSTRACT:** Published in 1939, the essay *Richard Wagner und Brasilien* by the Teuto-Brazilian Carlos Henrique Hunsche was received in Brazil in a discreet yet intense manner. The historical-cultural significance of the documentation related to the contacts of D. Pedro II and Ferreira França Filho with Wagner, presented firsthand by Hunsche as an appendix to the text, was recognized and discussed by Feder (1943), Lacombe (1944), Mariz (1988), Bispo (2014a), and, in a broader Latin American context, Stevenson (1983). Little

73

<sup>1</sup> Sinceros agradecimentos são devidos aos organizadores do seminário *Transatlantische Begegnungen zwischen Brasilien und Deutschland: Dialoge aus 200 Jahren Aus- und Einwanderung*, realizado no *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlim em dezembro de 2024, Dra. Ricarda Musser e Dr. Frederick Schulze. A ocasião representou uma oportunidade não apenas de tomar contato com destacados pesquisadores no campo das relações Brasil-Alemanha, incluindo especialistas no tema da presença alemã no Sul do Brasil de um amplo espectro disciplinar, mas também de visitar e conduzir pesquisas no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim diretamente relacionadas ao tema do presente artigo. Pela gentil recepção e orientação neste arquivo, agradecemos o Sr. Mikolaj Kunz.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

consideration was given, however, to Hunsche himself, who with his statements takes part in broader political-cultural processes. Who is Hunsche, and why he says what he says, at the time and in the place he does, and with what interests: these are the issues that the following study aims to elucidate.

**KEYWORDS:** C. H. Hunsche. National Socialism. Wagner. Brazil.

*“Der Ort, an dem ich mich befinde, ist ohne Frage sehr lieblich und verschwenderisch ausgestattet; dabei aber auch etwas grauenhaft.”*

— Klaus Mann, *Mephisto: Roman einer Karriere* (1936).

74

Uma leitura atenta de *Richard Wagner und Brasilien* de Carlos Henrique Hunsche, publicado no *Ibero-Amerikanisches Archiv* do Ibero-Amerikanisches Institut de Berlim (doravante “IAI”) em outubro de 1939, e assim apenas um mês após a eclosão da Segunda Guerra Mundial na Europa, inevitavelmente coloca para o leitor contemporâneo, em especial para o musicólogo engajado na pesquisa musical brasileira, questões relevantes e atuais que projetam-se para além do que é ali efetivamente relatado no contexto da primeira divulgação de fontes primárias de notável relevância para a história das artes, da música e das ideias no Brasil. Trata-se, no artigo de Hunsche, da parcela remanescente da correspondência mantida pelo então jovem intelectual brasileiro Ernesto Ferreira França Filho com Richard Wagner, material a que Hunsche teve acesso, como faz questão de sublinhar, “graças à amável cooperação da Sra. Winifred Wagner e ao apoio da *Richard-Wagner-Forschungsstätte* [Centro de Pesquisa Richard Wagner] de Bayreuth, instituído pelo *Führer* [isto é, Adolf Hitler] em maio de 1938”. No entanto Hunsche não se limita, nesta publicação, à mera transcrição destas fontes inéditas, mas a elas acresce, em um ensaio introdutório, uma revisão de episódios pontuais de aproximação do Imperador D. Pedro II com Wagner e uma revisão (não carente de lacunas) da produção musicológica brasileira da época sobre o tema do wagnerismo no Brasil no final do século XIX, esboçando ao final o que podemos definir como uma “teoria racial” da recepção de Wagner no Brasil.

Não sendo o trabalho de um musicólogo (e nem o autor assim se apresenta), *Richard Wagner und Brasilien* suscita maior interesse pelo que

*representa* — como testemunho de um tempo e lugar específicos (a Alemanha do Terceiro *Reich*, pátria de adoção do autor, pelo que passa a assinar “Carl Heinrich”, e ocasionalmente também “Carl Heinz”) e como peculiar prolongação de processos político-culturais remontando ao século XIX — do que pelo que oferece como produção “científica”. São as lacunas, a ideologia subjacente e as continuidades históricas latentes no texto de Hunsche que oferecem-se como material para interpretação, como ponto de partida para comentários talvez pertinentes na atualidade. Para a pesquisa musical brasileira, o ensaio de Hunsche torna-se relevante por duas razões principais: pelo interesse que suscita acerca dos desenvolvimentos sócio-políticos e histórico-musicais que circundam e esclarecem os fatos reportados por Hunsche sobre o contato de Ferreira França e Wagner em 1857, e pelo esclarecimento que requer quanto ao autor e às relações Brasil-Alemanha à época em que foi produzido. Ademais, Hunsche parece provocar também algumas novas reflexões sobre um conhecido problema da “história da inteligência brasileira” (conforme a célebre formulação de Wilson Martins): a questão do “germanismo” no Brasil, que, baseado em noções de germanidade relativamente estáveis — a cultura alemã como uma influência benéfica, espiritualmente “revigorante” e, do ponto de vista intelectual, por sua “intuição crítica”, até mesmo “profilática”<sup>3</sup> — é abordado por Hunsche desde uma perspectiva marcadamente ideológica.

Considerando a amplitude espaço-temporal, temática e mesmo teórica dos problemas colocados por *Richard Wagner und Brasilien*, cumpre proceder, como passo metodológico prévio, o isolamento dos dois mais claramente delimitados cenários histórico-culturais implicados em uma apreciação crítica do ensaio apresentado em tradução para o português neste volume da *Revista Brasileira de Música*: a) de um lado, temos o contexto da atuação e dos propósitos político-culturais de D. Pedro II e Ferreira França em 1857 — ponto em que não nos bastaria a mera análise da correspondência de Ferreira França e Wagner, ou do envolvimento

<sup>3</sup> Para um breve panorama da questão em conexão com o campo da música, ver Vidal, 2014, p. 43-47.

posterior do Imperador com Bayreuth, sendo necessário, como veremos, uma articulação de tais movimentos no plano internacional a uma apreciação de desenvolvimentos coevos na esfera doméstica relativamente ao que poderia ser descrito, com alguma segurança, como a “crise da ópera” no Rio de Janeiro em 1857 (o que ainda está por ser feito)<sup>4</sup>; e b) por outro lado, temos o contexto da atuação e dos propósitos (também políticos) do próprio Hunsche, representante paradigmático de um sentimento de “teuto-brasileirismo” difundido então no Sul do Brasil, cujo ápice levaria a ações coercitivas e nacionalizantes da parte do Estado Novo<sup>5</sup> — neste ponto, uma análise dos enunciados de Hunsche e seus pressupostos ideológicos nos leva necessariamente também a uma apreciação do uso que faz da historiografia musical brasileira da época, especificamente no que se refere à recepção de Wagner no Brasil no final do século XIX.

76

No que segue, que desejamos caracterizar como um informe preliminar de uma pesquisa mais ampla em andamento, pela qual se espera alcançar um quadro geral muito mais amplo e coerente — e onde a trajetória pessoal de Hunsche surge ela mesma atrelada aos processos político-culturais em ação no episódio envolvendo D. Pedro II, Ferreira França e Wagner, em um involuntária *mise en abîme* —, trataremos do segundo cenário acima descrito. As questões mais gerais que nos colocamos são também suficientemente simples: desejamos saber quem é Hunsche, e porque diz o que diz, no momento e no lugar em que o faz, e (ainda, por

<sup>4</sup> Referimo-nos à situação da ópera italiana no Rio de Janeiro na capital do Império no ano de 1857, marcada por debates em torno do corte da subvenção estatal, do tratamento diferenciado de músicos nacionais e estrangeiros, e da sua utilidade (ou não) para o desenvolvimento artístico de músicos brasileiros e para além disso de uma ópera nacional (onde ressalta o argumento, sustentado por exemplo pelo Senador do Império Silveira Motta, “[d]a inutilidade do teatro lírico italiano como escola de canto e asilo protetor aos artistas” (*Anais do Senado do Império do Brasil de 1857*, v. 1, p. 336)). A referida “crise”, portanto, girava não em torno da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, como pensaram alguns comentadores, mas do financiamento da ópera italiana na Corte Imperial.

<sup>5</sup> Ver Seyferth (1999), para quem “as medidas efetivadas entre 1937 e 1945 vinham sendo preconizadas desde o século XIX, mas só um Estado autoritário [poderia efetivá-las]” (Seyferth, 1999, p. 225).

fim) com que interesses. Em Hunsche, como veremos, revela-se com especial clareza “o tecido da história” no sentido atribuído à expressão por Paul Veyne: uma “mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de objetivos e de acasos”, uma mistura associada pelo historiador francês ao conceito de “intriga” (Veyne, 1971, p. 51). Que tal intriga desenvolva-se neste caso em torno de Wagner, é para o musicólogo um desafio e uma oportunidade.

### **Carlos Henrique Hunsche**

Quem é Carlos Henrique Hunsche? Trata-se sem dúvida de um nome conhecido entre estudiosos, por exemplo, da imigração alemã para o Brasil, mas em geral também obscuro. Isso porque em Hunsche encontramos um homem cuja vida é marcada por lacunas e sombras, o que explica talvez a dificuldade de descrição encontrada pela *Enciclopédia de literatura brasileira* publicada pela Biblioteca Nacional junto à Academia Brasileira de Letras em 2001: nela, Hunsche é classificado como “poeta, ensaísta, genealogista, comerciante” (Coutinho & Sousa, 2001, v. 1, p. 840),<sup>6</sup> o que parece significar uma recusa do reconhecimento oficial do seu trabalho como *historiador*. Para uma compreensão mais abrangente de *Richard Wagner und Brasilien*, contudo, é imprescindível conhecer precisamente a produção de Hunsche como historiador, que se enreda e confunde, no contexto específico da produção deste ensaio, com o perfil político de sua atuação nele. Hunsche, como intelectual, deve ser compreendido como o produto (embora não de todo inevitável) de um meio e de uma época muito bem delineáveis.

A origem familiar de Hunsche relaciona-se a um aspecto bastante específico da imigração alemã no Sul do país, iniciada por D. Pedro I na esteira da Independência. Às primeiras levas de imigrantes no Brasil afixou-se entre outras coisas liberdade religiosa; na prática, porém, e por exemplo

<sup>6</sup> “HUNSCHKE, Carlos Henrique Trein ([São Sebastião do] Caí, RS, 25 jul. 1913–[13 mar. 1986]), poeta, ensaísta, genealogista, comerciante” (entre colchetes complementação nossa).

na questão do registro de nascimentos, casamentos e óbitos, prevalecia a religião oficial católica.<sup>7</sup> Tensões e protestos neste âmbito — incluindo o marcante episódio do *Reskript von der Heydt* [Rescrito de Heydt], pelo qual em 1859 o então mais poderoso Estado germânico, a Prússia, colocava dificuldades à emigração de alemães para o Brasil — levaram o Imperador D. Pedro II a conceder a pastores evangélicos, em 1863, prerrogativas até então exclusivas dos padres católicos. Tal desenvolvimento levou à mobilização de autoridades eclesiásticas na Alemanha e na Suíça, pela qual deu-se a transferência para o Brasil, em 1868, do pastor luterano Heinrich Wilhelm Hunsche, avô paterno de Carlos Henrique Hunsche (Weissheimer, 1998).

78

O pertencimento a uma leva posterior de imigrantes, e com isso ao grupo dos assim chamados *Reichsdeutsche* (“alemães do Império”), teria considerável impacto na trajetória individual de Carlos Henrique Hunsche. Por serem eles “muito apegados à região de origem e à história da pátria”, como relata Rios, a convivência dos *Reichsdeutsche* com os imigrantes da primeira colonização, que os viam como “arrogantes, pedantes na linguagem”, seria marcada por atritos (Rios, 2014, p. 62). De fato, os Hunsche jamais se dissociariam do país de origem, seja culturalmente, seja em suas relações diretas com o governo do país: por ocasião de sua aposentadoria em 1908, Heinrich Wilhelm Hunsche teria recebido do *Kaiser* Wilhelm II a condecoração do *Roter Adlerorden* (a “Ordem da Águia Vermelha”, presumivelmente como cavaleiro de Terceira Classe), ao passo que seu filho, Carlos Frederico Hunsche, pai de Carlos Henrique Hunsche e médico formado na Alemanha, por muitos anos atuante em São Sebastião do Caí, teria sido convocado pelo Consulado Imperial Alemão em Porto Alegre a prestar serviço “médico militar” na Europa em 1915, ou seja, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, tendo “servido [...] na Alsácia Lorena, Bulgária e Sérvia”, e retornado ao Brasil com “a

<sup>7</sup> Ao abordar a “questão religiosa” nas primeiras linhas do terceiro volume (1855–1877) de sua *História da inteligência brasileira* (1978), Wilson Martins oferece um excelente relato de algumas das consequências de tal estado de coisas, fazendo assim entrever seu impacto real junto a comunidades de imigrantes (Martins, 1978, p. 1).



patente de capitão e ostenta[ndo] algumas medalhas” (*As atividades [...]*, 1944, p. 3<sup>8</sup>).

Inevitável concluir, com isso, que os Hunsche contavam-se não apenas entre aqueles “imigrantes e descendentes de imigrantes alemães radicados no Sul do Brasil” que, a partir do final do século XIX “passaram a promover a defesa da ideologia da germanidade ou do *Deutschtum*”, como comenta Vogt (2007, p. 226), mas também entre aqueles componentes da colônia a justificar temores como os expressados por Silvio Romero em sua *História da literatura brasileira* (1902) — onde vaticinava que “as três províncias do extremo Sul terão, em futuro não muito remoto, um tão grande excedente de população germânica, válida e poderosa, que a sua independência será inevitável” (Romero, 1902, v. 1, p. 76) — e, mais especificamente, no opúsculo de *O alemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar* (1906). Aqui, Romero atrela-se a um debate que atingiria seu ápice na década de 1930, sublinhando a inconveniência do desenvolvimento de outras nacionalidades no território nacional propiciado, no caso dos teuto-brasileiros, pela sua difícil assimilação no *melting pot* da nação brasileira (para Romero sobremaneira necessária), pelo seu apego às tradições originárias e finalmente pelo interesse do imperialismo alemão pelos *Deutschausländer* [alemães do estrangeiro] — interesse aliás redobrado pelo regime nazista, e que como veremos pautaria em grande medida o trabalho historiográfico posterior de Hunsche.

79

### **Um teuto-brasileiro na Alemanha**

Acredita-se que Carlos Henrique Hunsche tenha viajado para a Alemanha pela primeira vez aos 15 anos (*As atividades [...]*, 1944, p. 3), ou seja em 1928, e que em momento posterior sua família teria vislumbrado para ele estudos de teologia em Leipzig (Klein, 2022), carreira por ele rejeitada

<sup>8</sup> Esta fonte, que informa a prisão do casal Carlos Frederico e Emma Hunsche “assim que teve início a campanha antinazista [no Rio Grande do Sul], [...] sob suspeita de espionagem”, pretendeu também oferecer detalhes sobre atividades de seu filho Carlos Henrique na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

em favor de estudos de filosofia e letras em Berlim, onde teria obtido o título de doutor em 1938 (Belling, 2023). É incerto porém quando efetivamente Hunsche ingressou na Alemanha, ou que estudos realizou até a conclusão de sua formação aos 25 anos; sabemos contudo que seu nome surge em 1935 vinculado a uma associação de jovens brasileiros de origem alemã organizada, segundo René Gertz, em torno do propósito de “discutir a realidade brasileira a partir de uma perspectiva ‘germanista’” (Gertz, 2017, p. 101): o *Deutsch-Brasilianischer Arbeitskreis* [Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho, doravante “DBAK”], “o mais importante centro de elaboração de uma ideologia do *Deutschtum* brasileiro nos anos 30” (Gertz, 1987, p. 150).<sup>9</sup> Como relataria em 1942 o Tenente-Coronel Aurélio da Silva Py — executor, sob Cordeiro de Farias (interventor federal de Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul), de uma política de intensa perseguição à comunidade germânica (Gertz, 2021), incluindo “a proibição do uso da língua alemã [...], medida brutal, que atingia os imigrantes no núcleo de sua cultura” (Rios, 2014, p. 62) — em um artigo espetacular intitulado *Hitler quer o Brasil para 1950*,<sup>10</sup> “o Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho foi criado em 1935 por um grupo de brasileiros de origem alemã que foram à Alemanha para dedicar-se a estudos profissionais” (Py, 1942, p. 28). Segundo Py, era “dirigido pelo Dr. Karl Heinrich Hunsche, tendo como principais colaboradores Gerhard Dohms, Fritz Sudhaus, Karl

<sup>9</sup> Segundo Gertz, “[a] associação, e sua existência, provavelmente, só se tornou conhecida, por aqui [no Brasil], por causa das referências muito críticas que os textos apresentados por alguns deles [...] receberam em duas publicações de Gilberto Freyre ([*O mundo que o português criou*,] 1940; [*Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*,] 1942)” (2017, p. 101-102).

<sup>10</sup> Tratava-se, de fato, de publicação adiantada do capítulo inicial do livro *A 5.ª coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*, que seria publicado Livraria do Globo ainda em 1942. As tensões observadas no contexto das colônias alemãs no Sul do Brasil seriam retratadas posteriormente também na literatura, por exemplo por Érico Veríssimo (na terceira parte da trilogia *O tempo e o vento*, de 1961) e Jorge Amado (*Farda fardão camisola de dormir*, 1979); contudo a mesma reserva que impõe-se em relação a Py (por razões óbvias) deve ser exercitada na apreciação de obras ficcionais, não raro marcadas, como notou Gertz, por uma “relação problemática entre literatura e história” (Gertz, 2017, p. 103).

Oberacker, Gottfried Dohms, Gottschalk, todos eles brasileiros, nascidos no Rio Grande do Sul [...] [e] constituído de 44 membros, dos quais 29 são teuto-brasileiros, 18 alemães e 2 teuto-paraguaios” (ibid.).<sup>11</sup>

Py sublinha muito particularmente a liderança de Hunsche, identificando nele “autoridade [...] em relação aos demais membros do Círculo”, e dedicando assim espaço razoável de sua análise da organização a uma apreciação mais detida das ideias contidas no seu texto *Brasilianische Probleme in deutsch-brasilianischer Beleuchtung* [Problemas brasileiros sob o prisma teuto-brasileiro] de 1937, publicada na *Rundbrief des*

<sup>11</sup> Dentre os nomes citados por Py, destaca-se aquele de “Karl Heinrich” Oberacker Jr., em verdade Carlos Henrique, como Hunsche. Oberacker Jr. Estudou em Heidelberg, Viena, Berlim e Kiel nos primeiros anos da década de 1930, doutorando-se em 1936 com tese sobre a colonização alemã no Sul do Brasil. Ao contrário de Hunsche, contudo, retornou ao Brasil em 1938, atuando nos anos seguintes em jornais de língua alemã como o *Der Urwaldsbote* de Blumenau e a *Deutsche Zeitung* de São Paulo (Oberacker Jr., 1978, segunda orelha). Sua obra mais conhecida, *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*, publicada em 1955, surgiu em versão traduzida, revista e aumentada em 1968, com o título *A contribuição teuta a formação da nação brasileira*. Se a primeira edição mereceu uma apresentação de Gilberto Freyre, a segunda contou com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, demonstrando um nada insignificante reconhecimento do seu trabalho para além do universo teuto-brasileiro. Relevante porém, no contexto da análise do trabalho de Hunsche, é notar como também Oberacker Jr. esforça-se por sublinhar a relevância da contribuição germânica no Brasil, a contrapelo de uma historiografia hegemônica predominantemente luso-brasileira (Rios, 2014, p. 47). Assim como sustentou Oberacker Jr. que “não apenas portugueses, negros e índios ‘construíram’ a nação brasileira, mas também [...] outros povos”, e que “em destacada posição estão [aí] os homens de língua e cultura alemã da Europa central” (Oberacker Jr., 1978, primeira orelha), sustentava também Hunsche, em *Brasilianische Probleme in deutsch-brasilianischer Beleuchtung* (1937), que “o elemento germânico [...] pode reclamar para si o mérito nacional de ter criado, em primeiro lugar, as bases da prosperidade atual do Sul do Brasil” (Hunsche apud Py, 1942, p. 33). Interesse, como veremos à frente, que permeava também grande parte dos artigos publicados no *Ibero-Amerikanisches Archiv* na década de 1930, a partir da “ênfase na ‘contribuição alemã’ como abordagem programática dentro da pesquisa sobre culturas estrangeiras” (Bock, 2005, p. 9). Em Hunsche e Oberacker Jr., constatamos que os anos de formação determinaram os pensamentos dos homens maduros, muito embora este, ao que tudo indica, tenha se distanciado decididamente do ambiente político no qual Hunsche se enredaria ainda mais, como também veremos.

*Deutsch-Brasilianischen Arbeitskreises* [Carta circular do Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho], publicação iniciada em Leipzig e continuada depois em Berlim. Como constata Py, “ele [Hunsche] começa seu trabalho por salientar a falta de um ‘programa teuto-brasileiro’, cujo âmago, para ele, reside na questão de ‘como nós, teuto-brasileiros conscientes que somos, definimos a nossa posição em face da nação brasileira’ (!!!)” (Py, 1942, p. 33, exclamações do autor). Tal definição, por sua vez, é situada por Hunsche em primeiro lugar no campo da política: “o elemento germânico [...] pode reclamar para si o mérito nacional de ter criado, em primeiro lugar, as bases da prosperidade atual do Sul do Brasil. E se agora o elemento germânico também pusesse as suas forças criadoras à disposição da vida política do Brasil? [...] não queremos, porém, apenas uma simples participação, mas sim uma remodelação fundamental [desta]” (Hunsche apud Py, 1942, p. 33). Para Hunsche, portanto, e por extensão na perspectiva do DBAK, “a vida política brasileira foi moldada por homens, por luso-brasileiros, e dependerá de nós, se queremos ainda conservar para o século vinte a forma lusitana da política brasileira já há muito inadequada, ou se devemos avançar para novas formas baseadas na nossa própria iniciativa e força criadora” (ibid.).

O discurso em torno de uma “remodelação fundamental” da vida política nacional brasileira, relacionada, segundo Hunsche, ao que denomina “a questão da nossa etnia alemã no Brasil”, por sua vez atrelada ao problema maior brasileiro “das raças e das etnias”, segundo ele um dos mais difíceis (ibid.), parece fazer de *Brasilianische Probleme in deutsch-brasilianischer Beleuchtung*, publicado pouco depois do terceiro congresso anual do DBAK, realizado em Benneckenstein, Saxônia-Anhalt, em março de 1937, o primeiro texto abertamente político-programático de Hunsche. Duas publicações anteriores — *Deutschtum in Brasilien* [Germanidade no Brasil], de apenas 32 páginas, publicado em Berlim, por volta de 1936, pelo *Volksbund für das Deutschum im Ausland* [Liga Popular para a Germanidade no Exterior]; e o opúsculo *Ernst Bergmann. Sein Leben und sein Werk* [Ernst Bergmann. Sua vida e sua obra],

estudo igualmente breve sobre o filósofo alemão crítico do cristianismo e proponente de uma *Deutschreligion* [religião alemã], fundamentada em crenças ancestrais nórdicas, com suas 56 páginas, publicado em Breslau no mesmo ano — indicam mais um jovem (e ideologizado) pesquisador buscando inserção em um universo acadêmico já completamente instrumentalizado do que um político diletante no exílio.

No DBAK, contudo, Hunsche parece ter encontrado o ambiente apropriado para uma atuação situada, no mínimo, *no limiar* da política<sup>12</sup>: textos publicados nas *Rundbriefe* da organização, as “célebres cartas circulares do Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho”, nas palavras de Py (1942, p. 28), versavam principalmente sobre o tema do integralismo no Brasil — textos como *Der brasilianische Integralismus* [O integralismo brasileiro] de 1935, *Der brasilianische Integralismus und die Assimilationsbestrebungen in Brasilien* [O integralismo brasileiro e o anseio pela assimilação no Brasil] de 1937, e *Die Stellung des Integralismus in und zu den Ereignissen des 10. November 1937* [A posição do integralismo no e para os eventos do 10 de novembro de 1937]<sup>13</sup> de 1938, uma pesquisa de Hunsche que resultaria em uma de suas mais conhecidas publicações: o livro *Der brasilianische Integralismus. Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung Brasiliens* [O integralismo brasileiro.

83

<sup>12</sup> O que não deve levar-nos a conclusões apressadas sobre conexões partidárias da parte de Hunsche, que não hesitou em condenar a atuação de “partidários” sempre que estas se colocassem para além “[d]os limites dentro dos quais o *Deutschtum* se propunha a trabalhar” (Gertz, p. 96), evitando assim uma associação direta com o nazismo. Como relata Gertz, Hunsche em certa ocasião criticou a forma como “o dirigente da juventude alemã no Brasil [*Deutsch-Brasilianischer Jugendring*], o camarada Sucht do Rio, se apresenta com o distintivo partidário no trabalho com rapazes e moças teuto-brasileiros, que afinal são cidadãos brasileiros, [...] [e] o Dr. Neubert de Porto Alegre, líder da juventude riograndense e da Liga das Moças Alemãs, aparece em uniforme para uma promoção na Sociedade Germânia, apresentando-se a rapazes e moças com uniforme igual ao da Juventude Hitlerista e da Liga das Moças Alemãs aqui na Alemanha”, indagando, a seguir: “será que esta gente não vê a que perigos expõe nosso trabalho?” (Gertz, 1987, p. 96).

<sup>13</sup> A data refere-se logicamente ao autogolpe com que Getúlio Vargas instituiu o “Estado Novo” brasileiro.

História e essência do movimento fascista do Brasil], de 1938, tese de doutorado (Gertz, 1996, p. 99) defendida por Hunsche na Universidade de Berlim, e definida por José Chasin como “o único *estudo acadêmico* [sobre o integralismo] realizado da perspectiva fascista que conhecemos” (1999, grifo do autor).

### **Hunsche e o *Ibero-Amerikanisches Institut de Berlim***

Temos, neste ponto, uma primeira conexão de Hunsche com o IAI, em cujo periódico científico veremos publicado, em 1939, o ensaio *Richard Wagner und Brasilien* que nos interessa contextualizar e compreender. Em depoimento a Gertz (1996, p. 99), Hunsche relatou ter recebido do instituto, no início da década de 1930, um “aceno” — *einen Wink*, como dito décadas antes por Ferreira França Filho a Wagner — no sentido de realizar um estudo sobre o integralismo brasileiro. Ocorre que o diretor da instituição, o General Wilhelm Faupel, nazista notório, com fortes vínculos sobretudo com países da América Latina e com a Espanha (onde atuou em 1937 como Embaixador junto ao Governo do ditador Francisco Franco), integrava também a direção do mesmo *Volksbund für das Deutschtum im Ausland* responsável pela publicação do primeiro livro de Hunsche (o acima referido *Deutschtum in Brasilien*, c. 1936).<sup>14</sup> Ademais, Faupel também integrava, e desde antes de sua atuação no IAI, uma *Gesellschaft zum Studium des Faschismus* [Sociedade para o Estudo

84

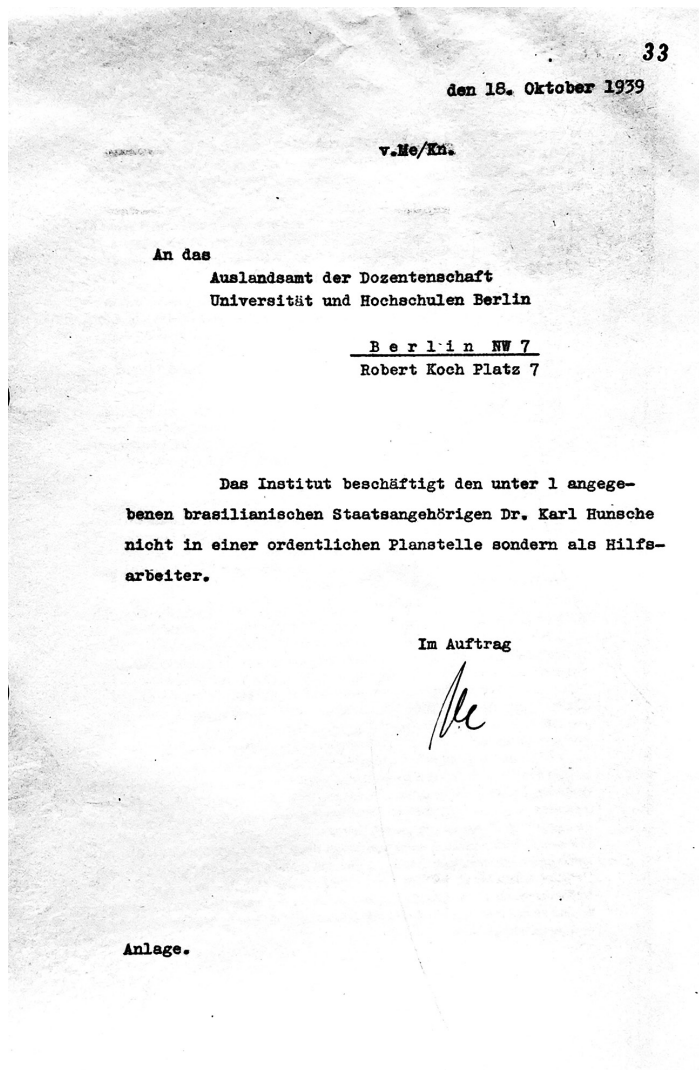
<sup>14</sup> Com origem na *Verein für das Deutschtum im Ausland* [Associação para a Germanidade no Exterior] do Império Alemão, o *Volksbund für das Deutschtum im Ausland* foi estruturada em 1933 com o objetivo de atrair imigrantes alemães e seus descendentes para a causa de uma *Volksgemeinschaft* [comunidade popular] nacional-socialista, tirando proveito político de sua existência e conhecimentos (Buchen & Matzke, 2019–2020). Este objetivo relaciona-se à ideia do “pangermanismo”, fomentada no Brasil, por exemplo, pelo *Alldeutscher Verband* [Liga pangermânica] (c. 1891–1918, e “cujo discurso étnico-racista exerceu alguma influência nas principais regiões de colonização alemã, [...] [apregoando] o *Lebensraum* [espaço vital] e a superioridade racial ariana para justificar o expansionismo” (Seyferth, 1999, p. 209); o tema do pangermanismo foi debatido publicamente no Brasil especialmente na década de 1910 (Gertz, 2008, p. 131; Vogt, 2007, p. 236), entre outras coisas em continuidade a Romero (1906).

do Fascismo], espécie de *think tank* com o objetivo declarado de pesquisar as experiências da ditadura de Benito Mussolini na Itália (Gliech, 2003, p. 184). Torna-se assim provável que o referido aceno tenha partido do próprio Faupel, que coloca-se assim como o mais provável elo entre Hunsche e o instituto.

No entanto a vinculação de Hunsche com o IAI pode ser caracterizada como *sui generis*, uma vez que ele, como relata Gertz, “apesar de [...] não ocupar um cargo efetivo (“*ordentliche Planstelle*”) no Instituto e ser apenas um funcionário auxiliar (“*Hilfsarbeiter*”), conforme um documento de 18 de outubro de 1939 (*Geheimes Staatsarchiv*, Berlim, 1218/242), [...] manteve ligações efetivas e duradouras com o mesmo” (Gertz, 1996, p. 105) (Figura 1). Em 1940, por ocasião da visita ao instituto de Gustavo Barroso, apresentado como “intelectual e escritor brasileiro” (*Aus dem Arbeitsgebiet* [...], 1944, p. 302) — sendo mais precisamente porém um dos líderes da então já banida Ação Integralista Brasileiro, e naquele momento diretor do Museu Histórico Nacional<sup>15</sup> — teria sido exatamente Hunsche, como informa Gertz, a partir da revelação de documentação interna do instituto, o “‘inteligente e confiável’ teuto-brasileiro” (nas pala-

<sup>15</sup> Segundo Coutinho (2010) “o único elemento do movimento integralista que disputou a liderança com Plínio Salgado”, Gustavo Barroso destacava-se de seus correligionários por adotar teses mais próximas do nazismo alemão do que dos fascismos italiano e português, diferenciando-se porém também dos alemães na questão racial: embora aceitasse deles as teses antissemitas em geral (seu livro *Brasil, colônia de banqueiros (história dos empréstimos de 1824-1934)* de 1942, em que denuncia uma plano global de dominação judaica, seria recebido na Alemanha como “uma obra-prima” (Klein, 2004, p. 85)), insistia todavia na noção de que “o fascismo”, no Brasil, “seria multirracial, um amálgama das raças branca, negra e indígena” (Coutinho, 2010), pelo que, “muito para a indignação de seus anfitriões alemães [na visita ao IAI em 1940], Barroso não se desviaria das posições nacionalistas do integralismo a respeito dos teuto-brasileiros e [d]a necessidade de integrá-los à nação brasileira (BA [*Bundesarchiv*] Koblenz, 1940 [relatório de certo “Dr. Foerster” a sobre a visita de Barroso a Berlim intitulado *Gedanken über die Deutschlandreise von Gustavo Barroso, dem illegalen Integralistenführer in Brasilien* [Considerações sobre a viagem à Alemanha de Gustavo Barroso, o líder ilegal do integralismo no Brasil], produzido em Dresden a 11-13 de novembro daquele ano] apud Gertz, 1996, p. 99)”.





86

Figura 1. Declaração do *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlim referente à vinculação de Carlos Henrique Hunsche com a instituição como “funcionário auxiliar [*Hilfsarbeiter*]” (GStA PK I. HA, Rep. 218, Nr. 242, f. 33<sup>1</sup>).

<sup>1</sup> Encontra-se no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim a maior parte da documentação referente ao *Ibero Amerikanisches-Institut* de Berlim do período nacional-socialista (1933–1945).



vras de Faupel) destacado para acompanhar Barroso, muito embora, como registrado em relatório oficial sobre a visita, fosse Hunsche não apenas um “grande conhecedor”, mas também um “crítico da posição do visitante” (Gertz, 1996, p. 99–100). Ilustrando a duradoura proximidade de Hunsche com o IAI, vemos ele proferindo ali, anos depois, a palestra *Brasiliens Weg in den Krieg und in die USA-Hörigkeit* [O caminho do Brasil para a guerra e a servidão aos EUA] (*Aus dem Arbeitsgebiet* [...], 1944, p. 61).

O trânsito de personalidades como Hunsche e Gustavo Barroso no IAI ilustra a forma como a instituição, como relata Oliver C. Gliech, “mantiha-se [...] em contato não apenas com outras instituições especializadas em América Latina, mas também com representantes diplomáticos dos estados da América Latina e da Universidade de Berlim”, com “tais ligações torna[ndo]-se diretamente visíveis apenas quando alguém de tais círculos dispunha-se a proferir palestras no IAI ou a publicar em seu periódico” (Gliech, 1990, p. 12) — como é o caso, mais uma vez, de Hunsche. E o mesmo princípio parece ter desempenhado um papel nas interações de Hunsche com outra relevante instituição da Alemanha nazista, o *Deutsches Auslandswissenschaftliches Institut* [Instituto Alemão de Estudos Internacionais] de Berlim, estreitamente ligado à *Auslandswissenschaftliche Fakultät* da Universidade de Berlim, em uma conexão particular de ciência política e relações internacionais, e em cujo periódico *Zeitschrift für Politik* Hunsche publicaria artigos como *Getúlio Dornelles Vargas* (1941) e *Oswaldo Aranha* (1943), e ainda, no *Jahrbuch der Weltpolitik* sob direção de Franz Alfred Six — diretor do instituto e notório integrante da ss<sup>16</sup> de Heinrich Himmler — artigos temáticos especializados como *Die portugiesischen Kolonien in Afrika* [As colônias portuguesas em África], *Portugiesisch-Timor e Brasilien* [Timor português e Brasil] (1943). No mesmo *Deutsches Auslandswissenschaftliches Institut*, vemos Hunsche — indicado em volume do *Zeitschrift für Politik* de 1943 (v. 33, n. 8/9) como “*Referatsleiter im Auswärtigen Amt, Berlin W30, Motzstrasse 59*” [Chefe de Seção no Ministério das Relações Exteriores...]; *Auswärtiges*

<sup>16</sup> A *Schutzstaffel* [Esquadrão de Proteção] nazista.

*Amt*, notemos, cuja *Kulturpolitischen Abteilung* [Departamento político-cultural] era dirigida precisamente por Six (1943–1945) — proferir em fevereiro do ano seguinte palestra no âmbito da série de conferências *Der europäische Arbeits- und Nahrungsraum* [O espaço laboral e alimentar europeu] (Six, 1944, p. 396).

### **Especulações em torno de uma colaboração com o esforço de guerra nazista**

88

Para além do acima relatado, as atividades de Hunsche na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial foram objeto de especulações na imprensa brasileira da época, e com efeito na contramão da percepção de Gertz de que, daquela “pequena associação de jovens brasileiros de origem alemã que, na década de 1930, estudaram na Alemanha, onde realizaram dois ou três encontros para discutir sobre a realidade brasileira, a partir de uma perspectiva ‘germanista’” — ou seja, o DBAK de Hunsche — não se “conhe[ceria] qualquer atividade ilegal ou ‘subversiva’ propriamente dita [...] [ou mesmo] fontes que apontem para uma atuação no Brasil” (Gertz, 2017, p. 101). O *Diário da Noite*, por exemplo, relata que Hunsche exerceu, a partir de 1940, “as funções de chefe do programa para o Brasil da Emissora Ondas Curtas de Berlim”, “organiza[ndo], coordena[ndo] e dirig[indo] [junto a outros integrantes do DBAK] as audições radiofônicas em que se ofende o Brasil e os brasileiros”, e que isso não teria sido negado por seus pais, quando presos na mesma ocasião por suspeita de colaboração (*As atividades [...]*, 1944, p. 3). O relato não deve surpreender, visto que tais atividades teriam sido coerentes com a “prática da propaganda radiofônica” alemã com raízes na Primeira Guerra Mundial, e cujo “raio geográfico alcançou [...] até a América Latina” (Franzbach, 1990, p. 32 e 26).

O engajamento de Hunsche nesta ação em particular de agitação e propaganda indicaria contudo uma vinculação ao *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* [Ministério para Esclarecimento Popular e Propaganda] de Joseph Goebbels, órgão central responsável pelas

transmissões radiofônicas nazistas. No entanto Py, após extensa análise do pensamento de Hunsche tal como fixado em *Brasilianische Probleme in deutsch-brasilianischer Beleuchtung*, relacionou a missão de “propagar a ideologia nacional-socialista alemã no estrangeiro” não ao aparato de propaganda nazista, mas antes à *Gestapo*<sup>17</sup> de Heinrich Himmler, polícia política que seria responsável segundo Py pela “formação, equipamento, acionamento e controle das quintas-colunas nazistas” (1942, p. 33). A acima constatada vinculação primária de Hunsche ao *Auswärtiges Amt* aponta, todavia, para uma subordinação — considerando-se a cadeia hierárquica a partir de Franz Alfred Six — ao *Reichsaußenminister* Joachim von Ribbentrop. (As dificuldades neste ponto parecem decorrer da política nazista de *Gleichschaltung*<sup>18</sup> das instituições alemãs, que em todo caso não impediu uma acirrada competição de diversas instâncias partidárias e depois governamentais em torno dos mesmos objetivos de propaganda e arregimentação internacional, com especial destaque, como notou Harms-Baltzer, para a “rivalidade” dos ministérios de Goebbels e Ribbentrop (1970, p. 32).) Parece seguro sugerir, de todo modo, que pesou em sua decisão de transferir-se ao final da guerra para a Argentina,<sup>19</sup> quando exatamente não poderemos saber, o “conjunto da obra”,

<sup>17</sup> A *Geheime Staatspolizei* [Polícia Secreta do Estado] nazista.

<sup>18</sup> O termo “*Gleichschaltung*” pode ser traduzido como “coordenação”, “sincronização”, ou “alinhamento”; segundo Pätzold, “o conceito surge pela primeira vez em duas leis do *Reich* assinadas por Hitler e pelo Ministro do Interior Frick [em 1933] [...] [objetivando] a eliminação política em nível estadual de todos os ministros, representantes e altos funcionários do Estado que não pertenciam ao NSDAP [Partido Nacional-socialistas dos Trabalhadores Alemães] ou ao DNVP [Partido Popular Nacional Alemão]. [...] Foi aplicado a uma ampla variedade de medidas e etapas com as quais *instituições e organizações foram ajustadas ao novo poder e seus princípios de governo e domínio* [...]” (Pätzold, 1999, p. 1.488–1.490, grifo nosso).

<sup>19</sup> Sobre a Argentina como destino preferencial de colaboradores do Terceiro *Reich*, Natalia Smith comenta a forma como, “sob Perón, [...] foi possibilitado a alemães a imigração para a Argentina após o término da guerra. Neste processo, os seus sentimentos nacional-socialistas foram largamente ignorados; os certificados de boa conduta, de outra forma obrigatórios, não foram exigidos. [...] A simpatia dos círculos dirigentes pela Alemanha foi sentida pela população judaica através de hostilidade antissemita aberta. Na década de 1950 a imigração judaica para a Argentina chegou

por assim dizer: por um lado, a condição de *persona non grata* adquirida no Brasil, ou seja de investigado da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado Novo; por outro, a possibilidade de, em permanecendo na Alemanha, vir a ser confrontado com as consequências de sua colaboração com o regime nazista. Hunsche retornaria ao Brasil apenas em 1973, quando o ambiente político em todo o hemisfério já havia se transformado consideravelmente.

Eloquente, contudo, e possivelmente relevante para uma adequada avaliação da trajetória e obra historiográfica de Hunsche, é notar como toda a sua atuação posterior como historiador, a partir da década de 1960, e mais especificamente no campo dos “estudos genealógicos e de família” (do ponto de vista de sua formação intelectual, talvez Hunsche tivesse preferido o epíteto “genealogista”; foi porém saudado, *post-mortem*, como “o maior historiador da colonização alemã no Rio Grande do Sul” (Klein, 2022)), pode ser compreendida como uma continuação de seu trabalho de pesquisa na Alemanha nos anos da Segunda Guerra Mundial. Uma declaração de Hunsche em 1961, por exemplo, na introdução de seu *Ritter/Roth und Kessler. Zwei 1846 nach Brasilien eingewanderte Familien und deren rheinische[n] Vorfahren* [Ritter/Roth e Kessler. Duas famílias emigradas para o Brasil em 1846 e seus antepassados renanos] (São Leopoldo, 1961<sup>20</sup>), pouca dúvida parece deixar quanto à vinculação deste trabalho — à primeira vista isento ideologicamente, mas todavia motivado pelo atávico sentimento “teuto-brasileiro” — à missão institucional do *Deutsches Auslandswissenschaftliches Institut*, com o qual Hunsche manteve-se em próximo contato, de “aprofundar

a ser interrompida, ao passo que antigos algozes nazistas foram autorizados a entrar. De 1945 a 1955, cerca de 60.000 alemães emigraram para Argentina, com o país ganhando as manchetes sobretudo por causa da admissão de perpetradores nazistas fortemente acusados, como Adolf Eichmann e Josef Mengele” (Smith, 1999, p. 957–958).

<sup>20</sup> *Ritter/Roth und Kessler* [...] foi publicado no Brasil mas em alemão, e no ano anterior também em Kaiserslautern, Alemanha, como o décimo sexto volume da série *Schriften zur Wanderungsgeschichte der Pfälzer* [Escritos sobre a história da migração dos Palatinos]; o livro *Trein/Moog* [...], citado a seguir, seria o vigésimo volume da mesma série.

as relações entre os alemães residentes no estrangeiro e o *Reich* alemão e difundir o conhecimento sobre a importância dos estudos estrangeiros” (*Deutsches Ausland-Institut* [...], 2003):

A presente publicação, embora independente, pode ser considerada como continuação do meu livro *Trein/Moog. Eine 1825 nach Brasilien ausgewanderte Familie und deren rheinische[n] Vorfahren* [Trein/Moog. Uma família emigrada para o Brasil em 1825 e seus antepassados renanos], publicado em São Paulo em 1960. Ambos fazem parte de uma “obra genealógica centenária” que deveria ter sido publicada em 1946 e que em razão da Segunda Guerra Mundial infelizmente não se concretizou. No entanto, um bom destino quis que o meu extenso material, que reuni ao longo de mais de trinta anos, não se perdesse no turbilhão da guerra e nas tormentas do período pós-guerra e pudesse, portanto, ser tornado acessível em publicações parciais [...] a um público mais amplo (Hunsche, 1961, p. 9, grifo nosso).<sup>21</sup>

A partir deste ponto, Hunsche dá início a uma série de publicações centradas no tema da presença alemã no Sul do Brasil, não apenas em vinculação com sua própria família e seu impacto no Rio Grande do Sul: para além de *Ritter/Roth und Kessler* [...] e *Trein/Moog* [...], livros que aparentemente ganharam algumas diferentes edições na década de 1960, contam-se nesta fase de produção títulos como *O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul* (Porto Alegre, 1977), *História da imigração alemã no Brasil* (São Paulo, 1978), *Primórdios da vida judicial de São Leopoldo: o primeiro Livro do Juízo de Paz (1832–1845)* (Porto Alegre, 1979), *A família Geisel e seus antecedentes alemães* (São Paulo, s.d. [década de 1970]), *Pastor Heinrich W. Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil* (São Leopoldo, 1981), *Protestantismo no Sul do Brasil: nos 500 anos de nascimento de Lutero, 1483–1983* (Porto Alegre, 1983), e postumamente, em três volumes, *O quadriênio 1827–*

91

<sup>21</sup> Na mesma fonte, encontramos indicações do próprio Hunsche sobre seu endereço e atividade comercial na Argentina, sem descuido dos títulos acadêmicos obtidos na Alemanha: “Dr. Carlos H. Hunsche / Av. Corrientes 316 / Buenos Aires” e “Dr. phil. Carlos Henrique Hunsche / Stud.[ien] Rat., heute Kaufmann in B[ueno]s. Aires / geb. [oren] 25.7.1913 S. Sebastião do Caí [Dr. Carlos Henrique Hunsche / Professor efetivo, atualmente comerciante em Buenos Aires / Nascido em 25 de julho de 1913 em São Sebastião do Caí]” (Hunsche, 1961, p. 23).

1830 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (coautoria de Maria Astolfi, viúva de Hunsche; Porto Alegre, 2004).<sup>22</sup> Em meio a esta produção, e justificando sua descrição como ‘poeta’, por Coutinho e Sousa (2001, v. 1, p. 840), vemos livros como *Uma ponte: poesias teuto-brasileiras* (Curitiba, 1966) e *Neue Gedichte zwischen Herbst und Winter* [Novos poemas entre outono e inverno] (Gramado, 1977).

Entre artigos produzidos no mesmo período, em revistas e anais de eventos locais do Rio Grande do Sul, contam-se títulos como *Deutscher Beitrag zum Aufbau Brasiliens* [A contribuição alemã à cultura e sociedade brasileira] (1970, publicado pelo *Jornal do Comércio* de Porto Alegre e no *Diário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná*), “*Wir treten jetzt die Reise nach Brasilien an, sei bei uns, Herr, und weise uns die Bahn*”. *Ein Beitrag zur 150-Jahrfeier der Gründung der “Colônia Alemã das Torres” im November 1826* [“Iniciamos agora a viagem para o Brasil, esteja conosco, Senhor, e mostre-nos o caminho”. Uma contribuição para a comemoração dos 150 anos da fundação da “Colônia Alemã das Torres” em novembro de 1826] (Gramado, 1976), *O caso do veleiro holandês “Company Patie”: sua importância para os primórdios da colonização*

92

<sup>22</sup> A produção de Hunsche insere-se em uma tradição historiográfica bastante específica, como vemos; entre exemplos de obras similares surgidas no Cone Sul e na Alemanha no mesmo período das obras de Hunsche, temos: *Geschichte des Deutschtums in Argentinien* [História da germanidade na Argentina] (Buenos Aires, 1955) de Wilhelm Lütge, Werner Hoffmann e Karl Wilhelm Körner; *Pioniere in Brasilien* [Pioneiros no Brasil] (Innsbruck, 1972), *Das Deutschtum in Brasilien* [A germanidade no Brasil] (Viena, 1978) e *Das Deutschtum in Chile und Argentinien* [A germanidade no Chile e na Argentina] (Viena, 1982) de Karl Ilg (professor da Universidade de Innsbruck, Ilg visitou o Rio de Janeiro em 1968, proferindo a conferência *Leistung und Schicksal der Deutschen und Österreichischen Kolonisten in Brasilien* [Realizações e destino dos colonos alemães e austríacos no Brasil] no Auditório do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), o que evidencia algum grau de interesse no tema, para além do ambiente teuto-brasileiro no país); e *Deutsche Kolonialbestrebungen in Südamerika nach dem Dreißigjährigen Kriege* [Ambições coloniais alemãs na América do Sul após a Guerra dos Trinta Anos] (Colônia, 1977) de Heinrich Volberg (este um notório líder do partido nazista na Argentina, dali expulso em 1941, e autor também de *Auslandsdeutschtum und Drittes Reich: Der Fall Argentinien* [Germanidade no estrangeiro e o Terceiro Reich: o caso da Argentina] (Colônia, 1981)).

*alemã no Sul do Brasil e na Argentina* (São Leopoldo, 1976), e *Primeiro policiamento na colônia alemã de São Leopoldo 1825–26* (São Leopoldo, 1977). Hunsche atuou ainda como editor do livro *Sonderdruck aus Genealogisches Jahrbuch* [Volume especial do Anuário Genealógico], publicado em Neustadt an der Aisch, Alemanha, em 1979, sendo nele autor do capítulo *Die Deutschen Einwanderer nach Südbrasilien, 1824–1830* [Os imigrantes brasileiros para o Sul do Brasil, 1824–1830]. Revisitando a temática do ensaio de 1939 no *Ibero-Amerikanisches Archiv*, produziu ainda *Richard Wagner in Argentinien* [Richard Wagner na Argentina] em 1950, para a revista *Südamerika* de Buenos Aires, e, para a *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro*, em 1971, o artigo *Os projetos de Wagner relativos ao Brasil em 1857: tentativa de uma retificação histórico, com base numa troca de correspondência não publicada* — o que atesta como sua esporádica incursão musicológica dos anos de Berlim parecia-lhe ainda especialmente relevante, nas décadas seguintes.

Que imagem ressalta do perfil biográfico acima, e o que este nos revela sobre o homem por trás da tragédia? É de interesse aqui o depoimento de Lindolfo Collor (Koller-Boekel), político gaúcho e teuto-brasileiro como Hunsche que, tendo aderido à Revolução de 30 e sido com isso alçado ao comando do nascente Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, veio a alinhar-se depois à Revolução Constitucionalista, passando assim à oposição a Vargas. Em 1938, já no Estado Novo, Lindolfo Collor seria preso por suposto envolvimento em conspirações em torno do Levante Integralista de 11 maio, partindo para o exílio na Europa no mesmo ano (Collor voltaria ao Brasil apenas poucos meses antes de sua morte, em 1942) (Lemos, 2010). Em *Sinais dos tempos* (1942), o segundo dos dois livros reunindo a produção literária de Collor no exílio, encontramos referências a Hunsche:

Conheço-o em pessoa. Trata-se de um moço inteligente, polido, extremamente amável. Tipo de universitário germânico. A primeira impressão que nos dá é de timidez, a segunda de uma tal ou qual ingenuidade quase infantil. Nasceu no Rio Grande do Sul, filho de pai alemão e de mãe brasileira. Adolescente, foi para Berlim [...]. Politicamente, cumpriria com os seus deveres elementares em relação



ao Estado Brasileiro, jamais faria parte de qualquer oposição, votaria sempre e indiscutivelmente com os governos (Collor, 1942, p. 216).

A imagem que se extrai do depoimento é talvez por demais positiva, muito embora Collor refira-se, nas páginas seguintes, “[a]o nazista Hunsche”, ou à forma como “o germanismo cultural do Dr. Karl Heinrich Hunsche torna[va]-se *politicamente perigoso*” para o Brasil (Collor, 1942, p. 217 e 219, grifo nosso). (Neste ponto, valeria sem dúvida uma análise mais detida dos contatos de Collor e Hunsche, no contexto particular deste último, mas também *vis-à-vis* a peculiar situação política de Collor, de acordo com Gertz considerado confiável por lideranças teuto-brasileiras (Gertz, 1996, p. 101).) Procuremos assim procurar compreender, a partir do acima desvelado sobre o homem de dramático destino que foi Hunsche, como o perfil intelectual nele identificado colabora para uma compreensão das interpretações veiculadas em *Richard Wagner und Brasilien*, e de maneira mais ampla do “germanismo cultural” para cuja difusão Hunsche trabalhava, naquele decisivo momento histórico.

94



Em *Richard Wagner und Brasilien* pode-se identificar três objetivos sucessivamente colocados, não exaustivamente perseguidos mas suficientemente satisfeitos no escopo e espaço dados: a) o objetivo (maior) de divulgar uma documentação relevante das relações Brasil-Alemanha em um aspecto muito particular do campo da cultura — uma proposta no escopo dos propósitos institucionais do IAI de Wilhelm Faupel); b) o objetivo (secundário) de delinear uma explicação para o insucesso da música de Wagner no Brasil do século XIX, o que passa a ser buscado a partir de uma teoria racial da cultura — momento em que certa literatura secundária a que Hunsche recorre passa a figurar no texto não somente como fonte de informações ou interpretações históricas, mas para além disso como exemplo vivo de um determinado “pensamento latino”); e c) o objetivo (menor) de veicular um chamamento à pesquisa das relações Brasil-



-Alemanha no campo da música, uma pesquisa que poderia florescer com a tematização da relações de Wagner com a América do Sul e que caberia, segundo Hunsche, sobretudo à “ciência brasileira”. Analisemos portanto cada um de tais objetivos.

### ***Richard Wagner und Brasilien no contexto do Ibero-Amerikanisches Institut de Faupel***

Situar Hunsche e sua produção acadêmica no contexto científico e ideológico do IAI dirigido pelo General Wilhelm Faupel requer uma breve recapitulação do histórico da instituição. Concebido e fundado em 1930 pela Prússia, então o maior estado alemão, como “instituto cultural apolítico”, o instituto surgia como a “instância mediadora”, como “o ponto de coordenação [até então] ausente para as relações transatlânticas” entre a Alemanha e os países ibéricos e latino-americanos (Gliech, 2003, p. 15, 46). Como explica Oliver C. Gliech, “a principal função político-cultural do IAI nos primeiros anos após sua inauguração foi convidar ‘multiplicadores’ dos países latino-americanos para a Alemanha, a fim de influenciá-los em favor dos interesses alemães”: tratava-se então de explorar “a germanofilia como um fator político” (ibid., p. 14, 25). A ascensão de Hitler ao poder em 1933 determinaria porém transformações profundas no direcionamento do instituto, que sob o comando de Wilhelm Faupel, “nomeado presidente pelos nacional-socialistas [em 1934], [foi] por ele progressivamente instrumentalizado nos anos seguintes para fins políticos e também de inteligência” (Liehr, Maihold & Vollmer, 2003, p. 13). Sob Faupel, o IAI “transformou-se em um ponto estratégico da política cultural e propaganda nazista”, intensificando, a partir de 1934, “[su]a colaboração [...] tanto com órgãos estatais, especialmente o *Auswärtiges Amt* e o novo *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*, quanto com a *Auslandsorganisation* [Organização Estrangeira] do NSDAP [Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães]” (ibid., p. 15).

Ainda assim, como sustenta Friedrich E. Schuler em *Vom Kulturinstitut zum SS-Institut? Das Ibero-Amerikanische Institut im Dritten Reich*

[De instituto cultural a instituto da ss? O Instituto Ibero-Americano no Terceiro *Reich*], “seria exagerado afirmar que o Instituto Ibero-Americano de Berlim teria sido um centro de inteligência do Estado fascista” (Schuler, 2003, p. 351). Para Schuler, o IAI desempenhou entre 1933 e 1940, sucessivamente, três funções principais: a) em um primeiro momento, constituiu uma plataforma na qual elementos dos estamentos diplomáticos alemão e latino-americano competiam por influência; b) a partir de 1936, “funcionou como um dos muitos institutos culturais fascistas, cuja liderança ocupava-se com a questão de como integrar de forma mais direta e útil o trabalho cultural no exterior à revolução do Estado fascista [e de] como seria possível utilizar melhor os acervos e contatos dos institutos para o iminente esforço de guerra total”, pelo que, “gradualmente, os institutos começaram — ao menos indiretamente — a integrar-se à rede de inteligência em expansão constante do partido, da ss e de grupos específicos de planejamento do Exército, Marinha e Aeronáutica”; e c) em um terceiro momento, com base no envolvimento de Faupel com a Guerra Civil Espanhola, “o instituto se estabeleceu como o elo burocrático e propagandístico entre os revolucionários fascistas na Alemanha e na Espanha” (ibid., p. 352–353).

Neste contexto geral de atuação do IAI, marcado por constantes transformações e, desde já, inteiramente coerente com os dados relativos à atuação de Hunsche na Alemanha nos anos 1936–1944, revelam-se também dinâmicas as relações do instituto com o Brasil de Getúlio Vargas. Segundo Gertz, as medidas de nacionalização do Estado Novo desencadeadas em 1938 (ver Seyferth, 1999) teriam feito com que a Alemanha “abandon[asse] a ideia de que [os teutos-brasileiros] pudessem constituir um importante fator positivo no aprofundamento [...] das suas relações com o Brasil”, recuando em “sua política de envolvimento com a defesa da população de origem alemã no Brasil” para concentrar-se, “a partir desse momento [...], em sua prática histórica de atrair a elite brasileira não-germânica” (Gertz, 2008, p. 140–141). Gertz oferece como exemplo deste novo direcionamento, e do papel do IAI nele, os convites diri-

gidos por Faupel a personalidades próximas de Vargas como o médico e Reitor da Universidade de Porto Alegre Dr. Saint Pastous (cunhado do General Góis Monteiro e amigo pessoal de Vargas) e o também médico Lutero Vargas, filho do ditador brasileiro (ibid., p. 140) — exemplos aos quais podemos somar Gustavo Barroso, cuja visita ao IAI em 1940 teria sido acompanhada por Hunsche. Trata-se aqui, inequivocamente, de um retorno ao conceito e à figura do “multiplicador”, definido por Gliech como “uma pessoa em uma posição social de destaque, que exercia influência sobre a formação de opiniões e o comportamento de um grande número de pessoas, sobre o uso de recursos ou sobre a tomada de decisões políticas e militares” (Gliech, 2003, p. 26).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> A política do “multiplicador” adquire um significado bastante concreto quando testemunhamos o seu funcionamento “em tempo real”, por assim dizer; ou seja, quando testemunhamos ela ser discutida pelos próprios agentes envolvidos. Por exemplo Hans Henning von Cossel, Adido Cultural da Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro e *Landesgruppenleiter* [Líder da Organização Estrangeira] da célula do NSDAP no Brasil, escrevendo a Faupel em 29 de junho de 1939, enfatizava a necessidade de promover “o acompanhamento das personalidades brasileiras que viajam à Alemanha por períodos curtos ou longos, que [...] deveriam ser identificadas nominalmente pelo Instituto à Embaixada, fornecendo detalhes específicos sobre cada caso. Isso permitiria que, ao retornarem ao Brasil, fossem devidamente registradas em fichários e acompanhadas regularmente pelo Instituto Teuto-Brasileiro. Pela experiência, sabe-se que a florzinha da simpatia pela Alemanha aqui cultivada tende a murchar rapidamente se não for continuamente regada”; como relata Cossel, “além do sucesso já alcançado na organização de viagens ou períodos de estudo para médicos e, mais recentemente, também para representantes de outras profissões científicas, considero particularmente desejável incluir juristas nesse tipo de influência. É sabido que, na América do Sul, governo, política e administração são essencialmente dominados por profissionais da advocacia. Infelizmente, os juristas estão voltados em sua maioria para o estilo de vida francês e o círculo cultural francês (românico); aqueles com interesses econômicos mais amplos, em alguns casos, também alinham-se à base anglo-saxônica. É uma dificuldade adicional para nós que o jurista brasileiro, ao contrário de outras profissões científicas, não pode esperar benefícios profissionais diretos de estudos na Alemanha” (Gsta PK I. HA, Rep. 218, Nr. 229, f. 203). Mereceriam estudos mais aprofundados, ainda, casos de recrutamento de “multiplicadores” discutidos minuciosamente em relação a indivíduos brasileiros em específico, inclusive no campo da música, como é o caso da pianista Maria Amélia Rezende Martins (uma documentação da qual encontra-se igualmente no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim).

Mas (como veremos a propósito de Hunsche) seria enganoso crer que o IAI reduzia-se a uma mera instância recrutadora de “multiplicadores”; ao contrário, desempenhava também um papel no campo da pesquisa alemã sobre a América Latina, caracterizada então, como comenta Ulrike Bock, por contínuas “interações entre ciência, sociedade e política” (2005, p. 19). Segundo Bock, na década de 1930

a pesquisa alemã sobre a América Latina adaptou-se às novas condições através de uma ampla politização da ciência. Isso se manifestou por um lado em uma mobilização da pesquisa para fins de propaganda, e por outro na incorporação de vários discursos ideológicos. Assim, o conteúdo dos estudos latino-americanos foi definido pela pesquisa sobre a identidade nacional [*Volkstumsforschung*]; a escolha dos temas e a perspectiva de pesquisa eram motivadas politicamente. A orientação científica a partir da política atingiu um ápice no início dos anos de 1940. No auto-recrutamento para servir à política, os interesses de carreira e a expansão do poder dos gestores científicos podem ter desempenhado em muitos casos um papel importante. [...] A ciência ofereceu aqui acompanhamento e apoio aos eventos políticos por meio de uma aplicação indutiva de categorias ideologicamente determinadas. Se por um lado tal processo foi realizado na geografia por meio da integração no grande projeto científico-organizacional da “Ação Ritterbusch”, por outro a profissionalização dos estudos regionais [*Landeskunde*] e da pesquisa histórica da América Latina como história universal ocorreu, entre outras coisas, no âmbito dos estudos internacionais [*Auslandswissenschaft*] orientados politicamente (Bock, 2005, p. 19).

98

Em que medida o quadro acima determinou a “obra genealógica centenária” na qual Hunsche trabalhava na Alemanha nos anos da Segunda Guerra Mundial e que, segundo ele, “deveria ter sido publicada em 1946”, tendo sido salva e aproveitada anos depois (Hunsche, 1961, p. 9), seria sem dúvida questão para investigações futuras. Relevante, aqui, é o foco no conceito de “*Volkstum*” (termo sem equivalente em português, mas que expressa a noção de uma “identidade nacional” fundamentada em termos culturais e étnicos/raciais) próprio do direcionamento científico do IAI da década de 1930:

A partir de 1933 [...], o estudo científico dos chamados “alemães étnicos” [*Volksdeutschen*] na América Latina colocou-se cada vez mais no primeiro plano. A ênfase na “contribuição alemã” como abordagem programática dentro da pesquisa sobre culturas estrangeiras possuía uma tradição científica não apenas nos

estudos latino-americanos. Já na inauguração do IAI de Berlim, o então diretor [...] Boelitz, destacou “que a Alemanha contribuiu imensamente para a sua [isto é, dos estados latino-americanos] formação intelectual. Revelar a contribuição da Alemanha para esse desenvolvimento cultural é nosso direito e nosso dever”. [...] O pano de fundo para uma avaliação da “pesquisa sobre a germanidade” era a concepção de uma “comunidade popular global” [*globale Volksgemeinschaft*], cujo pertencimento definia-se não por direitos de cidadania, mas sim pela origem [*Abstammung*]. Desta forma, os emigrantes alemães na América Latina também foram tratados como parte do “corpo popular alemão” [*deutscher Volkskörper*], cuja ligação com a Alemanha deveria ser conservada [...]. A pesquisa deveria, portanto, desempenhar uma função fomentadora da identidade, servindo à legitimação científica do conceito de germanidade [*Volkstum*] (Bock, 2005, p. 9–10).

Escrever sobre o Wagner e o Brasil, naquele momento, coloca-se para Hunsche portanto não somente como possibilidade de realizar uma documentação das relações Brasil-Alemanha em um aspecto muito particular do campo da cultura (a música), mas também como oportunidade de destacar a contribuição germânica para o desenvolvimento cultural do Brasil: pois D. Pedro II, o “monarca amante das artes”, que “engajou-se desde cedo na vida artística, especialmente a musical, de seu país através de um apoio vigoroso a personalidades verdadeiramente criativas”, é alguém que também “possui, através de sua mãe [...] *metade de sangue alemão*” (Hunsche, 1939, p. 203, 208, 210, grifo nosso). Exemplos semelhantes encontram-se no mesmo contexto direto, como (entre outros possíveis) o artigo *Deutscher Anteil an der kulturellen Entwicklung des Brasilianischen Kaiserreiches* [Participação alemã no desenvolvimento cultural do Império do Brasil] de Florian Kienzl,<sup>24</sup> publicado em volume

<sup>24</sup> Onde aliás a música comparece com dados surpreendentemente exagerados ou falsos: sobre Neukomm, abordado em sua relação com D. Pedro I, diz Kienzl: “Ele contribuiu muito para o refinamento da cultura brasileira no Rio, incentivou jovens talentos locais e fundou a primeira escola de música brasileira [sic; a afirmação não possui fundamento]. Entre seus alunos estava o jovem príncipe herdeiro Pedro, ele próprio um talentoso compositor [...]” (p. 162); sobre Wagner, novamente considerado em sua relação com D. Pedro II, tem Kienzl a dizer: p. 169: “D. Pedro II teve um papel significativo na promoção da música alemã no Brasil. É sabido que ele foi um dos primeiros partidários de Richard Wagner. Quando o mestre precisou fugir para além das fronteiras [da Alemanha] por motivos políticos, o Imperador Pedro ofereceu-lhe o cargo de mestre de capela da Corte no Rio [sic; também sem fundamento]” (p. 169).

do *Ibero-Amerikanisches Archiv* imediatamente anterior ao do *Richard Wagner und Brasilien* de Hunsche (v. 13, n. 2); tratava-se, de fato, de uma política editorial, pois como contabilizou Ulrich Strulik, “apenas no período entre 1933–1938, de 46 contribuições, cerca de um terço dos artigos deste periódico foram publicados sobre o tema da germanidade [*Deutschtum*] na América Latina” (Strulik apud Bock, 2005, p. 10).

### **Wagner e os latinos: uma questão racial**

Em *Richard Wagner und Brasilien*, contudo, Hunsche não limitou-se à mera apresentação das fontes primárias, de enorme relevância, como já notado, obtidas junto à *Richard-Wagner-Forschungsstätte* de Bayreuth<sup>25</sup>; ao contrário, decidiu dar um passo além e delinear uma explicação para o insucesso da música de Wagner no Brasil do século XIX (para além de círculos menores e elitizados de músicos e melômanos). É neste ponto que entra em ação a mais problemática das concepções abraçadas pelo nacional-socialismo, da qual dependia também seu conceito de “*Volkstum*”: o “moderno conceito de ‘raça’ europeu na tradição de Gobineau e do darwinismo social [popularizado por Houston Stewart Chamberlain]”, definido

[pela] associação entre classificação biológica e características de caráter [...] a postular uma causalidade irreversível da natureza sobre a cultura, uma relação

<sup>25</sup> As conexões entre o centro do poder em Berlim e a meca wagneriana de Bayreuth são amplamente conhecidas e não precisam ser repisadas aqui; vale porém notar a conexão com o IAI, exemplificada no *Richard Wagner und Brasilien* de Hunsche, mas de forma alguma a ela limitada: por ocasião das comemorações do “*Día de la Raza*” em 1940, por exemplo, foi promovido pelo IAI e outras instituições culturais um concerto um concerto da Orquestra Filarmônica de Berlim sob regência do Diretor Musical de Bayreuth Karl Elmendorff, com transmissão para Espanha, Portugal e América Latina através do *Deutscher Kurzwellensender* [Emissora Ondas Curtas Alemã] e presença da diplomacia brasileira e de outros países (*Aus dem Tätigkeitsgebiet* [...], 1940, p. 301). (Não podemos determinar se compositores brasileiros foram apresentados na ocasião, o que deve ser matéria para investigações futuras; sabemos através de pesquisas no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim que contatos foram mantidos por exemplo entre o IAI e Francisco Mignone em 1937 e 1938, sendo possível que também outros compositores brasileiros tenham sido considerados, no âmbito da política de “multiplicadores” da instituição.)

entre físico e moral cujos resultados são hereditários: os genes de um grupo humano denominado “raça”, em sua manifestação fenotípica — em combinação com outros fatores naturais como o clima — *determinavam a inteligência, os comportamentos, o caráter e as possibilidades culturais desse grupo*. Os resultados dessa determinação seriam transmitidos aos descendentes, permitindo uma classificação hierárquica. A partir disso, derivava-se uma legitimação da dominação [por parte de “raças” hierarquicamente “superiores”] (Bartelt, 2003, p. 96–97, grifo nosso).

Muito claramente, Hunsche subscreve ao que ele mesmo refere como “ideias raciais germânicas [dos “*völkische Prediger*”, na sua própria dicção] Gobineau e Houston Stewart Chamberlain” (Hunsche, 1939, p. 210). Segundo Hunsche, o estilo de Wagner seria “alheio aos latinos”, e “por fluir de fontes puramente germânicas não pode[ria] ser por eles compreendido em sua essência” (ibid., p. 209). Interpretação portanto alinhada, nas palavras de Sven Fritz, a uma “teoria cultural etnonaciona- lista baseada no primado da raça [*auf dem Primat der Rasse basierende völkische Kulturtheorie*]”, na qual Hunsche aliás insiste, por ocasião de seu (mais reduzido) ensaio *Richard Wagner in Argentinien* de 1950. Apenas levemente adaptado ao contexto argentino, o argumento segue essencialmente inalterado:

101

o caráter popular predominantemente latino e a forte imigração italiana na segunda metade do século passado fizeram com que Wagner, com suas ideias revolucionárias nos campos temático, musico-dramático e cênico-técnico, fosse inicialmente percebido como algo muito estranho e desagradável (Hunsche, 1950, p. 378).

Contribui para uma compreensão mais pormenorizada da aplicação dos referenciais teóricos, se assim podemos considerá-los, em voga na Alemanha nazista ao “caso” brasileiro (e depois argentino, como vimos) a análise da “questão racial” no Brasil realizada por Hunsche no contexto do DBAK. No já citado panfleto *Brasilianische Probleme in deutsch-brasilianischer Beleuchtung*, publicado em 1937 na *Rundbrief des Deutsch-Brasilianischen Arbeitskreises*, sustentava Hunsche:

Só pode haver uma etnia onde há um povo. Mas o Brasil é um país típico de imigração, isto é, um país que, por força do destino, deve servir de pátria para todas as raças e todos os povos desta terra. O Brasil, por isso, também não pos-

sui um “povo” no sentido europeu da palavra, no que os próprios integralistas concordam perfeitamente. O Brasil somente possui um povo no sentido de uma população. E é isso que é preciso frisar bem: *no Brasil não há um povo, a não ser no sentido de população*. [...] Reflitamos um momento: falta ao Brasil o povo e falta-lhe também a tradição (tradição no sentido da palavra que pode ligar o fascismo ao *Imperium Romanum*). Restam, portanto, apenas os homens. Estes, porém, estão divididos em etnias, chegaram ao Brasil como etnias e vivem ainda hoje mais ou menos nessa separação, mesmo que não se queira confessá-lo (Hunsche apud Py, 1942, p. 33, grifo nosso<sup>26</sup>).

E relacionando as proposições acima ao que considerava dever constituir os propósitos do “teuto-brasileirismo”, de maneira coerente com a noção de um pertencimento ao “*deutscher Volkskörper*” fundamentado no conceito de “*Volkstum*”, como acima definidos, prossegue Hunsche:

E assim nós chegamos durante o estudo dos principais problemas brasileiros, encarados sob um prisma conscientemente teuto-brasileiro, simultaneamente aos últimos problemas da nação brasileira em geral. [...] ocupando-nos com todas as nossas energias com a questão da nossa etnia alemã no Brasil, nós chegamos ao mesmo tempo a resultados gerais brasileiros. Os nossos resultados, os quais consideramos como acertados e razoáveis no sentido do nosso teuto-brasileirismo, [são] simultaneamente também soluções válidas para o Brasil em geral. Deste modo creio que encontramos finalmente a base sólida que nos livrará, para sempre, daquela maldição de pertencermos a duas pátrias, que sempre pairou, como uma tragédia, sobre o teuto-brasileirismo enquanto ele existe. É aquela maldição que sempre paralisava a nossa ação quando, do fundo da alma, procurávamos nos pôr à disposição da nação brasileira, para entrar numa relação mais positiva com ela, e se nunca lográvamos alcançar esse objetivo, foi porque sempre nos lembrávamos ao mesmo tempo da obrigação tão sagrada quanto a outra, [a] de defendermos *a conservação das nossas qualidades étnicas* (Hunsche apud Py, 1942, p. 33, grifo nosso).

102

Poderíamos vislumbrar um parentesco entre o conceito racial de Hunsche e aquele externado por Ferreira França Filho em sua quarta missiva

<sup>26</sup> Apresentamos o texto de Hunsche aqui tal como reportado (fragmentariamente, em versão traduzida) na matéria *Hitler quer o Brasil para 1950* (Py, 1942), considerando-a portanto fidedigna o suficiente. A reunião e transcrição parcial ou integral dos manifestos veiculados pelo DBAK em suas *Rundbriefe* de 1935 a 1938 seria sem dúvida um passo necessário a um aprofundamento da compreensão não apenas do pensamento da organização, mas também de sua atuação e influência, no Brasil como na Alemanha.



a Wagner, na noção do “espírito alemão [como um] corretivo necessário às raças latinas” (in Hunsche, 1939, p. 214)? Talvez. Mas em Hunsche encontramos uma condenação da “teoria antibiológica da fusão [*die unbiologischen Schmelztheorie*]” herdada pelo integralismo brasileiro do nativismo lusitano, e segundo Hunsche “direcionada à aniquilação das diversas identidades étnico-nacionais [*Volkstümer*]” (1938, p. 143), posição divergente daquela posta em circulação pela assim chamada “Escola do Recife” de Tobias Barreto, Silvio Romero, entre outros, possivelmente mais próxima de Ferreira França Filho (considerando-se inclusive o “lugar social” desde o qual se pronuncia<sup>27</sup>). Para Romero, “o povo brasileiro não corresponde a uma raça determinada e única [...], é um povo que representa uma fusão, é um povo mestiçado [...] resultado da fusão de diversas camadas étnicas” (Romero, 1902, v. 1, p. 75–76). Mas na medida em que afirma ser “certo que estas [raças ou camadas étnicas] coabitam entre si e produzem uma descendência fecunda”, e na medida em que defende a “facilita[ção] às nossas [brasileiras] populações [d]a assimilação desses novos elementos [isto é, oriundos da imigração europeia]”, Romero contrapõe-se à teoria da *degeneração racial* de Gobineau (não deixando porém de notar que, no processo de formação do povo brasileiro, “o elemento branco tende em todo caso a predominar” (ibid., p. 76), o confere à sua teorização uma tonalidade geral tão problemática quanto a do francês). Do ponto de vista de Romero, portanto, aliás não sem alguma influência sobre pelo menos um destacado “wagnerista” brasileiro, Alberto Nepomuceno, impactado também pelo pensamento de Tobias Barreto,<sup>28</sup> não se sustentaria a tese de Hunsche da impermeabilidade do elemento latino (que na lógica de Hunsche parece abarcar não

103

<sup>27</sup> A julgar, neste caso, pelo juízo crítico às concepções racialistas de Gobineau expresso pelo próprio D. Pedro II ao francês, em carta de 15 de novembro de 1879: “[...] como sabeis, não protesto senão contra o que julgo ser muito absoluto em vossa doutrina sobre as raças humanas” (apud Raeders, 1938, p. 308).

<sup>28</sup> A conexão de Nepomuceno com Silvio Romero é comentada por Avelino Romero Pereira (2007, p. 57–58, 365); sobre a conexão do compositor com Tobias Barreto ver Vidal (2014, 2015).

uma, mas todo um conjunto de “etnias”) à “essência de Wagner”, originária muito supostamente “de fontes puramente germânicas”.

### **Hunsche e as fontes histórico-musicais brasileiras**

Quanto à relação de Hunsche com fontes histórico-musicais brasileiras, podemos dizer que a revisão que faz da produção brasileira da época sobre o tema do wagnerismo no Brasil no final do século XIX é sucinta e por demais superficial para que dela se faça grande caso. Comparecem com maior destaque Guilherme Theodoro Pereira de Mello com sua *A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República* de 1908, uma história marcada por uma posição simpática à República e suas instituições musicais e hostil ao canto em italiano, e Renato Almeida com sua *História da música brasileira* de 1926, obra de um modernista carioca (Hoelz, 2018, p. 603) obcecado pela ideia, como demonstra Maria Alice Volpe, de que “a formação do ‘caráter nacional’ brasileiro devia-se primordialmente ao impacto da natureza sobre o homem e à adaptação ao meio hostil dos trópicos” (Volpe, 2008, p. 58). Citado por Almeida, surge ainda José Rodrigues Barbosa, conhecido por sua simpatia ao Instituto Nacional de Música e a Wagner, fundador e primeiro-secretário do Centro Artístico de Leopoldo Miguéz e, sacramentando seu partidarismo na questão abordada por Hunsche, dedicatário precisamente da ópera *I salduni*.

Nota-se porém uma ausência, neste panorama relativamente heterogêneo: Vincenzo Cernicchiario, cuja *Storia della musica nel Brasile* publicada em Milão em 1926 convertera-se já em uma das mais relevantes fontes de informação para o período e temas enfocados em *Richard Wagner und Brasilien*. Difícil crer que o volume não estivesse ao alcance de Hunsche na Europa, ou que sua omissão devesse-se ao amadorismo de sua prática musicológica (ou seja, que Hunsche ignorasse a existência de Cernicchiario). A explicação para a relevante ausência parece ser de outra ordem. Por fazer de Wagner uma verdadeira *idée fixe* de sua vastíssima exposição da história da música no Brasil, ademais fortemente centrada

no século XIX, Cernicchiaro poderia até sugerir-se, a princípio, como uma fonte preferencial para Hunsche. Ocorre porém que Cernicchiaro, como notado por Bispo, procede “de uma posição italiana e ítalo-brasileira” (Bispo, 2016<sup>29</sup>), operando nos limites de uma “*idealità* latina” com pretensões universalistas diametralmente contrárias às proposições etno-nacionalistas de Hunsche, tal como acima descritas. A isso relaciona-se ainda o fato de Cernicchiaro tratar da música “no Brasil”, e não de uma “música brasileira”, o que o afasta mais algumas léguas do ideário espasado por Hunsche (ver Vidal & Draghi, 2022, p. lx).

A propósito da pretensa superioridade de Wagner e por extensão da música alemã, Cernicchiaro chega a sugerir, com o fulgor retórico que lhe é característico, que, se tal fosse o caso, somente o seria em razão de seu *italianismo subjacente*: “É certo, pois, que Wagner sem Weber e sem Rossini não teria existido” (Cernicchiaro apud Luiz de Castro, in Vidal & Draghi, 2022, p. xliii). Na “gabada reforma” de Wagner reconhecer-se-ia “[uma] parte mais lógica e mais sã” (ibid.); a “segunda maneira” wagneriana, no entanto, ou seja aquela mais plenamente realizada no *Ring des Nibelungen*, esta conduziria nossos jovens compositores a uma “idealidade contrária à fé, ao sentimento de raça e de nacionalidade” (Cernicchiaro, 2022, p. 383, grifo nosso; note-se como Cernicchiaro adere também ao conceito de “raça”, aqui porém para desvantagem de Wagner). É neste sentido, inclusive, que perpassa a *Storia della musica nel Brasile* também uma intensa crítica do Miguéz compositor de música dramática, acometido, segundo Cernicchiaro, “daquele terrível mal chamado delírio de grandeza musical”, e criador de

*I salduni* [...] ópera tétrica e nebulosa [...] [que] não se distingue por característica alguma, nem por efeito teatral, nem por equilíbrio, e, menos ainda, pelas belas inspirações poéticas, uma vez que falta-lhe a lógica, um senso construtivo, a perfeita homogeneidade, vigor de estilo, riqueza orquestral e coral, as ideias, a imaginação enfim. [...] [e na qual] em cada página há algo que relembra Liszt e Wagner, assimilado de maneira infeliz” (Cernicchiaro, 2022, p. 358–359).

<sup>29</sup> Ver p. 205–215 do presente volume da *Revista Brasileira de Música*.

Em outras palavras, o tom glorificador que perpassa a descrição que faz Hunsche de Wagner e de sua influência no Brasil, em especial na figura de Leopoldo Miguéz, dificilmente se conciliaria com a visão de Cernicchiaro de ambos. Constata-se assim a inconveniência de Cernicchiaro para Hunsche, muito embora pudesse este encontrar na *Storia della musica nel Brasile* relatos fidedignos sobre as dificuldades enfrentadas pela música wagneriana junto plateias brasileiras oitocentistas. Mas útil, ao final, parece ter sido manter-se nos limites de Mello, que ignora o “problema Wagner” tão perseguido por Cernicchiaro (Vidal & Draghi, 2022, p. lxxv), e Almeida.

106

Sobre Almeida, e passando a discussão a outro nível, vale notar como Hunsche, tendo apresentado sua interpretação para o insucesso de Wagner entre os latinos a partir de uma concepção racial da cultura, desloca-o da posição de fonte de informações históricas e juízos estéticos para aquela de exemplo vivo de certo “pensamento latino” que Hunsche considera desejável documentar. A citação de Renato Almeida constante ao final de *Richard Wagner und Brasilien*, recolhida do livro *Figuras e planos* de 1936, provém originalmente do artigo *Panorama wagneriano* publicado em 1933 no jornal *A Nação* (12 de fevereiro de 1933, p. 18 e 21) por ocasião do cinquentenário de morte de Wagner. Neste, Almeida sugere que, para apreciar Wagner, é preciso “nos livrarmos das suas intenções, das suas filosofias, da sua simbólica e atingi[r] a essa música pura e inebriante, em que procuramos apenas a magia do som” (Almeida, 1933, p. 18). Propugna, assim, uma escuta de Wagner desconectada de elementos extramusicais, “programáticos”, ou seja, uma escuta de Wagner como “música absoluta” — fenômeno exemplarmente analisado por Carl Dahlhaus em *Die Idee der absoluten Musik* (1978, p. 1–2). Para Almeida, “Wagner foi o músico. Os seus dramas não estão nas histórias fabulosas, nas cenas complicadas, não estão mesmo nas palavras das figuras humanas ou sobrenaturais, mas na música. [...] O seu gênio musical teve o privilégio de ser avassalador, vencer tudo e chegar no absoluto”; elementos dramáticos “são motivos apenas de inspiração e para sentir plenamente a sua música precisamos nos despo-

jar de todas essas ideias e deixar que ela crie infatigavelmente universos no espírito de quantos a possuírem”. E conclui: “a fim de compreendermos a obra wagneriana, não necessitamos do poema, basta-nos a música, donde vem todo o encantamento” (Almeida, 1933, p. 18).

Ao falar do “drama wagneriano e sua renovação genial”, não deixa de notar que este “não se universalizou [...] [mas] permaneceu como processo exclusivamente do mestre, tão mesquinhos foram os seus imitadores” (ibid.), indiretamente veiculando seu real juízo acerca, por exemplo, da música de Leopoldo Miguéz tão distintamente tratada por Hunsche. A propósito do impacto histórico-musical de Wagner, tem a dizer que

o sopro wagneriano deslocou a atmosfera musical, pela violenta renovação. [...] À sua sombra de gigante, germinaria relva rasteira, submissa ao seu tronco possante. [...] o tempo passava e da seara wagneriana não provinham frutos. Salvo um [Richard] Strauss, os discípulos de Wagner se perderam e o mundo, se conhece um ou outro, de nome, não se volta a eles, se lhes dá atenção. Entre nós, Leopoldo Miguéz, em *Saldunes*, fez inútil wagnerianismo (Almeida, 1933, p. 18).

E vaticina, então: “Wagner foi um caso pessoal. Era impossível imitá-lo. A contrafação evidente desgostava” (ibid.). Almeida critica ainda a “religião de Wagner”, a liturgia em torno da escuta e da reverência pelo compositor. Para admirar Wagner, teria sido preciso julgá-lo, e, novamente, voltar-se à “maravilha musical” de suas obras. Este ponto da recepção de Wagner marcaria, para Almeida, o momento em que “o drama lírico passou”. Retornando ao ponto inicial, em que propugna uma *escuta absoluta* do drama musical wagneriano, afirma Almeida: “Wagner viverá, como já vive, muito mais nas orquestras do que na cenas, onde os dramalhões só servem para perturbar a magia musical. [...] O drama wagneriano está na orquestra [...] e só por ela é possível tolerar esse drama longo e lento, em que a técnica mais aperfeiçoada se torna mesquinha [...]” (Almeida, 1933, p. 21).

Do ponto de vista de Hunsche, tudo isso ilustra o um “pensamento latino” incapaz de “compreender Wagner em sua essência”, mas todavia disposto a aceitá-lo sob certa condição (o seja, a condição de sua escuta como “música absoluta”); em suma, e na perspectiva de Hunsche, uma

confirmação cabal do argumento central de *Richard Wagner und Brasilien*. As proposições de Almeida, ademais, representam para Hunsche também um posicionamento de “cordialidade” e “ceticismo” em relação a Wagner (do tipo que não se poderia esperar de Cernicchiaro, diga-se de passagem) desejável para comprovação da existência de “certo espaço livre” em relação à ortodoxia do regime, como sugere Gliech no horizonte de “um cálculo [por parte da liderança nazista] de deixar parecer de maneira aceitável a imagem do nacional-socialismo na parcela germanófila do estrangeiro” (Gliech, 1990, p. 13).

Por último, vale lembrar que também Renato Almeida surge na documentação referente ao *Ibero Amerikanisches-Institut* de Berlim do período nacional-socialista custodiada no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim. Nos contatos mantidos por Almeida com o instituto entre 1937 e 1938 (Gsta PK I. HA, Rep. 218, Nr. 65, f. 152, 194), sugere-se não apenas uma possível ponte com Hunsche ensejada por Bayreuth (ver aqui o relato de Almeida em *Minha viagem a Bayreuth* de 1937), mas também a possível percepção de Almeida como um potencial “multiplicador” (o que também esclareceria o destaque que lhe é dado em *Richard Wagner und Brasilien*).

108

### **Um chamamento à pesquisa das relações Brasil-Alemanha**

Sobre o terceiro objetivo presumível de Hunsche de veicular um chamamento à pesquisa das relações Brasil-Alemanha no campo da música, trata-se da percepção de que uma pesquisa proveitosa poderia florescer da tematização da relações de Wagner com a América do Sul, e de que esta pesquisa caberia à “*brasilianische Wissenschaft*” [ciência brasileira]. É eloquente, aqui, o fato de Hunsche não se referir especificamente a uma “*brasilianische Musikwissenschaft*” [musicologia brasileira]: embora a disciplina não se encontrasse desenvolvida e institucionalizada no Brasil da época, sendo a pesquisa musical brasileira praticada então mais por intelectuais de diferentes *backgrounds* do que por musicólogos de formação ou acadêmicos, e isso em estilo via de regra mais literário que “científico”, o cenário na Alemanha era inteiramente diverso, com a musicologia

recebendo intensos estímulos e proteção do regime nazista.<sup>30</sup> Em outras palavras, alguém no lugar de Hunsche haveria de saber que: a) a tarefa apontada caberia a especialistas, e não à “ciência brasileira” em geral; e b) que a reivindicação de que “um significativo passo na pesquisa sobre Wagner pôde ser dado agora, através da análise minuciosa das seis cartas enviadas por Ferreira França a Wagner [...] em 1857” (ou seja, a reivindicação musicológica de um não-musicólogo) colocava em questão, na Alemanha de 1939, fronteiras disciplinares e zonas de interesse de significativa relevância. O que explica tal procedimento?

Algumas respostas paralelas colocam-se aqui. Em primeiro lugar, é preciso considerar, como Pamela Potter bem observa, que durante o período nacional-socialista “os musicólogos alemães haviam sido relativamente reticentes em relação a Wagner”, e que seria um erro metodológico atribuir à disciplina um “interesse sem precedentes pela obra de Wagner”, inferindo assim sua suposta “nazificação” com base em “generalizações sobre as pesquisas wagnerianas *a partir dos escritos de não musicólogos*” (Potter, 1998, p. 261, grifo nosso; para chegar ao nome de Hunsche, bastaria à autora apenas um pequeno passo mais). Em outras palavras, no que toca Wagner, os musicólogos alemães teriam sido muito mais reticentes no engajamento com o “desafio colocado pelos líderes nazistas para que se chegasse a conclusões sobre a superioridade musical da raça alemã” (ibid., p. 181), ao passo que, entre intelectuais (e ideólogos) em geral, percebia-se uma adesão muito mais pronta ao culto a Wagner, que por sua vez integrava por sua vez “esforço concertado [...] para cultivar a imagem dos líderes nazistas como patronos da alta cultura” (ibid., p. 29).

Há porém um fator adicional em ação conectando Wagner ao nazismo. Ocorre que, para Hitler, como explica David Hall, “Wagner foi uma voz metafísica onipresente que esteticizava a vida política na Alemanha nacional-socialista — primeiro para *regenerar* e depois para manter o

<sup>30</sup> Sobre este tema, e a cumplicidade do *establishment* musicológico alemão com as causas nazistas, ver Potter, 1998.

apoio público ao *Kampf* [luta] que se aproximava” (Hall, 2017, p. 154, grifo nosso); segundo o autor, “Hitler acreditava que a renovação nacional dependia do renascimento da cultura alemã, um conceito anterior à guerra e que era popular nos círculos *völkisch* e na direita radical” (ibid., p. 154). A contraparte político-cultural de tal “visão conservadora da arte — e muito especialmente da música”, caracterizada pela “aprovação das obras primas do século XIX” (Geiger, 2004, p. 145), e que vinha confluir com o conceito racial abraçado pelo nazismo, foi a rejeição peremptória das “obras atonais” e a perseguição de seus criadores, particularmente os judeus (ibid., p. 145, 93 e seguintes). À promoção de uma arte “regeneradora” deveria corresponder a destruição de uma arte “degenerada”, “não-ariana” (pelo que vale lembrar que a perseguição fundamentada no critério racial e a perseguição estritamente política e racial via de regra sobrepujaram aquela “esteticamente motivada”, como informa Geiger (2004, p. 93)). Trata-se de um vasto tema da pesquisa histórica e musicológica, do qual não caberia aqui uma recapitulação; basta-nos notar aqui que estas ideias rondavam Hunsche e seu DBAK, o que é comprovado, por exemplo, pela publicação em *Rundbrief* de 1936 de um manifesto intitulado *Völkische Erneuerung oder Untergang* [Regeneração popular ou ruína], assinado por certo “R. Bathke” (ao que tudo indica também brasileiro).

110

Claro está que estas e outras ramificações conceituais da *Weltanschauung* nacional-socialista haviam se tornado, após 1945, tão socialmente inaceitáveis quanto politicamente obsoletas. Os argumentos do Hunsche berlinense de 1939 até poderiam talvez ser revividos pelo bonaerense de 1950, mas jamais repetidos pelo provector “genealogista” de 1971. E de fato, o ensaio *Os projetos de Wagner relativos ao Brasil em 1857: tentativa de uma retificação histórica, com base numa troca de correspondência não publicada* surge, então, purgado dos aspectos mais explicitamente ideológicos dos ensaios anteriores (mantidos assim os objetivos bem neutros de documentação, divulgação e chamada à pesquisa) — o que é, por si, um eloquente testemunho de sua insuportável carga polí-



tico-cultural. No artigo de 1971, portanto, Hunsche insiste fundamentalmente em dois pontos: a) a necessidade do “mundo culto” conhecer os projetos de Wagner relativos ao Brasil (não restando claro se o Brasil estaria ou não incluído em tal “mundo”); e b) o impacto da abordagem de Ferreira França Filho na trajetória criativa de Wagner, um impacto que poderia ter tido efeito, tivessem os projetos em torno de *Tristan und Isolde* no Brasil se concretizado, também na história da música brasileira. Hunsche chega a publicar, no artigo de 1971, o fac-símile de um esboço da composição de *Siegfried* no qual Wagner anotou a data em interrompeu os trabalhos neste projeto — 26 de junho de 1857 — para dedicar-se todo a *Tristan*. (A data coincide com o envio da quarta carta de Ferreira França Filho a Wagner, de modo que o argumento de Hunsche revela-se parcialmente fundamentado; pois como nota Cord-Friedrich Berghahn, a interrupção da composição de *Siegfried* e o rápido processo criativo de *Tristan*, ópera terminada após somente dois anos, ou seja no verão de 1859, devem ser compreendidos “em um nexo de obra e existência”, no qual teriam influído também “a questão não resolvida da relação entre mito e lenda em *Siegfried*” e o envolvimento de Wagner com Mathilde Wesendonk (Berghahn, 2021, p. 197).)

III

### Um peça de propaganda?

Por tudo que vimos, podemos dizer que a observação de Mariz de que “o artigo de Hunsche na revista do Instituto Ibero-Americano de Berlim limitou-se a divulgar o texto completo das cartas de Ferreira França e uma das respostas de Wagner ao jovem brasileiro” (1988, p. 350–351, grifo nosso) ilustra a miopia própria da escola historiográfica a que pertenceu. Parece-nos agora evidente que, em *Richard Wagner und Brasilien*, muito mais está em jogo: a “intriga” de que falava Veyne remete-nos, aqui, a processos político-culturais de amplas dimensões, com raízes nas relações Brasil-Alemanha do século XIX. Surpreende (e preocupa) que Hunsche tenha sido lido e relido, por mais de um comentador, sem que seu comprometimento ideológico causasse espécie a qualquer um. Em face do acima

considerado, contudo, resta-nos indagar sobre a real natureza do ensaio. Tratar-se-ia, em última análise, de uma peça de propaganda, no sentido, indicado por Bock acima, de pesquisa *mobilizada* para este fim (2005, p. 19)?

Alguns aspectos podem ser destacados neste ponto, sem que se precise alcançar respostas conclusivas a esse respeito. De um modo geral, poderíamos compreender este trabalho de Hunsche como um serviço intelectual à agenda nacionalista nazista, no escopo de uma pauta de aproximação cultural com o Brasil. Ao mesmo tempo, e no espírito da “campanha de simpatia” em relação à Alemanha desenvolvida pelo IAI junto à América Latina (Gliech, 1990, p. 12) — por mais *unsympatisch* que fosse a proposição de Hunsche de que, para brasileiros e latinos em geral, uma compreensão da “essência” de Wagner estaria para além de suas possibilidades biológicas! —, poderíamos compreender *Richard Wagner und Brasilien* também como um discurso sugerindo a compatibilidade (ainda que apenas parcial) da cultura germânica com a nacionalidade brasileira e a conveniência de sua promoção. Compatibilidade ilustrada não somente na figura de D. Pedro II com sua “metade de sangue alemão”, mas também em personalidades genuinamente brasileiras de Ferreira França Filho, Silvio Romero, Tobias Barreto e Leopoldo Miguéz (este aliás filho de espanhol, o que no entanto não é problematizado por Hunsche, de resto tão interessado na “composição racial” das personalidades históricas). Para além desses dois aspectos, poderíamos interpretar a apreciação e divulgação da inclinação de Wagner a aceitar o convite de uma transferência para o Rio de Janeiro, uma vez desvelado o contexto histórico-político desde o que escrevia Hunsche, como uma operação de legitimação do Brasil como nação cultural, lisonja diminuta mas proveitosa, em um contexto internacional marcado por uma intensa competição das potências europeias por influência na América do Sul.

112



Por mais trágica (e assim intrigante) que a história de “Carl Heinrich” Hunsche possa nos parecer, nosso interesse maior aqui deve ater-se a como as conexões do autor com a Alemanha nazista esclarecem as concepções sustentadas em *Richard Wagner und Brasilien*. Mas neste ponto é preciso dizer que a ideologia nacional-socialista já confundia-se com uma cosmovisão remontando ao próprio Wagner e Bayreuth, de modo que Hunsche, ao projetar esta ideologia em seu ensaio, inevitavelmente reproduziu também o discurso etnonacionalista (*völkisch*) próprio do culto do compositor na Alemanha (ver Bispo 2014b). Que as duas coisas fossem então já praticamente indistinguíveis é testemunhado, por exemplo, por Franz Wilhelm Beidler, neto do compositor, por ocasião da reabertura dos *Festspiele* de Bayreuth em 1951. Em seu eloquente *Bedenken gegen Bayreuth* [Reservas quanto a Bayreuth], Beidler sugeriu que “seria fundamentalmente incorreto indicar a politização de Bayreuth apenas em 1933 [...] [uma vez que] munidos da sugestiva capacidade expressiva de Wagner, os festivais, com seu obrigatório acessório ideológico [*Zubehör an Weltanschauung*], teriam sido foram uma questão política do mais alto nível” (Beidler apud Weinland, 1988, p. 12). Como diagnostica Beidler, “em 1933 apenas germinaram as sementes do dragão, que por décadas foram semeadas sobretudo desde lá [Bayreuth]. Se existe alguma ideologia, alguma convicção no nacional-socialismo, então esta é em grande e assustadora parte a convicção de Bayreuth” (ibid., grifo nosso).<sup>31</sup>

113

No entanto importa, para nossa apreciação crítica do *Richard Wagner und Brasilien* de Hunsche, menos dissecar esta “convicção” ou “ideologia” de Bayreuth em si (sobre o que existe de fato uma vasta literatura) do que verificar como seus elementos são jogados a favor do ponto de vista do autor no *continuum* das relações Brasil-Alemanha, um processo que projeta-se para além de Wagner e sua recepção e impacto no Brasil (um tema de particular relevância para a pesquisa musical brasileira, mas não

<sup>31</sup> A investigação da recepção de tal “convicção de Bayreuth” por wagneristas brasileiros como Miguéz e Nepomuceno, ou se ela foi de todo por eles percebida, é até o momento *terra incognita*. Seria possivelmente uma tarefa futura para a pesquisa musical brasileira. Sobre este tema, ver ainda Fritz, 2022.

necessariamente afeito a Hunsche). Com efeito, é no debate doméstico em torno da relações Brasil-Alemanha que se manifestavam, desde o século XIX, por parte pequena mas expressiva dos agentes históricos envolvidos, aspirações em torno de uma “germanização” do Brasil. Aspirações que se avolumaram no século XX pela crescente participação no debate intelectual de elementos oriundos, como Hunsche, de núcleos teuto-brasileiros do Sul do país. Como comentador de D. Pedro II, Ferreira França Filho, Wagner e Miguéz, Hunsche surge desconectado de sua própria origem e história; o distanciamento é porém apenas aparente, ainda mais quando ele, tendo invocado o Silvio Romero editor de Tobias Barreto para asseverar-se do pioneirismo do germanismo (ou da germanofilia) de Ferreira França Filho, parece revelar-se depois ele próprio um legítimo personagem de Romero — saído porém das páginas de *O alemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar* (1906).

114

Concluindo. Em Carlos Henrique Hunsche, podemos encontrar, acima de tudo, e como observado por Fritz Landshoff — a propósito de Hendrik Höfgen (protagonista do *Mephisto* de Klaus Mann inspirado na bem real figura do *Theaterintendant* Gustav Gründgens), “toda uma categoria de pessoas em sua postura no, e em relação ao, ‘sistema’” (Landshoff apud Lohmeier, 1987, p. 101). Se Hunsche pode ou não ser descrito como “um típico modelo do carreirista oportunista no Terceiro *Reich*”, é talvez um juízo mais moral do que histórico; mas a sua condição de “pessoa pública [...] a serviço do fascismo”, como notado por Anke-Marie Lohmeier a propósito de Gründgens (1987, p. 105), esta dificilmente poderia ser negada. De modo funesto, a vida e o trabalho de Hunsche na Alemanha de Hitler ilustram um tipo de “conformidade com a política cultural [tanto quanto com a cultura política...] dominante” (Lohmeier, 1987, p. 105) característica — malgrado resistências e martírios — daquele tempo e lugar.



## Referências

- “As atividades dos traidores a soldo de Hitler na máquina de Goebbels”. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1944, p. 1-3.
- “Aus dem Arbeitsgebiet des Ibero-Amerikanischen Instituts [Da área de trabalho do Instituto Ibero-Americano]”. *Ibero-Amerikanisches Archiv*, v. 18, n. 1/2, p. 61-63, jan.-jun. 1944.
- “Aus dem Tätigkeitsgebiet des Ibero-Amerikanischen Instituts [Da área de atividades do Instituto Ibero-Americano]”. *Ibero-Amerikanisches Archiv*, v. 14, n. 4, p. 300-303, jan. 1941.
- “Deutsches Ausland-Institut (Bestand) [Instituto Alemão do Exterior (Acervo)]”. *Deutsche Digitale Bibliothek*, dez. 2003. Disponível em: <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/item/EFOISSVXVWUD4QXWBFFORVVBTGRJ5VV>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- Almeida, Renato. “Minha viagem a Bayreuth”. *Aspectos*, v. 1, n. 1, 30 set. 1937, p. 183-190.
- Almeida, Renato. “Panorama wagneriano”. *A Nação*, 12 fev. 1933, p. 18 e 21.
- Bartelt, Dawid Danilo. “Rassismus als politische Inszenierung. Das Ibero-Amerikanische Institut und der *Día de la Raza* [Racismo como encenação política. O Instituto Ibero-Americano e o *Día de la Raza*]”, in: Liehr, Reinhard; Maihold, Günther; Vollmer, Günter (ed). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus* [Um instituto e seu general: Wilhelm Faupel e o Instituto Ibero-Americano durante o período do Nacional-Socialismo] (*Bibliotheca Ibero-Americana*, v. 89). Frankfurt am Main: Vervuert, 2003. p. 67-129.
- Belling, Romar. “O mais completo retrato dos primeiros anos da presença alemã no RS”. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul (RS), 8 out. 2023. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/o-mais-completo-retrato-dos-primeiros-anos-da-presenca-alema-no-rs/>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- Berghahn, Cord-Friedrich. “Richard Wagner als Dichter [Richard Wagner como poeta]”, in: Lütteken, Laurenz (ed.). *Wagner-Handbuch: Sonderausgabe* [Guia Wagner: edição especial]. Kassel e Berlim: Bärenreiter, Metzler, 2021 [1.<sup>a</sup> ed. 2012]. p. 190-201.
- Bispo, Antonio Alexandre. “‘L’arte è perfetta quando realizza la delizia in grado culminante’ — Latinidade e Estética em Carlos Gomes (1836-1896) segundo Vincenzo Cernicchiaro (1858-1928)”. *Revista Brasil Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, v. 162, 2016, n. 4. Disponível em: [http://revista.brasil-europa.eu/162/Vincenzo\\_Cernicchiaro\\_e\\_Gomes.html](http://revista.brasil-europa.eu/162/Vincenzo_Cernicchiaro_e_Gomes.html). Acesso em: 12 fev. 2024.
- Bispo, Antonio Alexandre. “Wagner e o Brasil na mediação de E. Ferreira França Filho (1828-1888). O projeto de dedicação de *Tristan und Isolde* a D. Pedro II”. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, v. 147, 2014a, n. 1.

Disponível em: [http://revista.brasil-europa.eu/147/Wagner-Brasil\\_1976.html](http://revista.brasil-europa.eu/147/Wagner-Brasil_1976.html). Acesso em: 12 fev. 2024.

Bispo, Antonio Alexandre. “Pedro II nos festivais de Bayreuth de 1876 e o conhecimento do movimento wagneriano no Brasil: *Bayreuther Blätter* e o catálogo de N. J. Oesterlein (1841–1898)”. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, v. 147, 2014b, n. 1. Disponível em: <http://revista.brasil-europa.eu/147/Pedro-II-e-Bayreuth.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Brasil. *Anais do Senado do Império do Brasil de 1857*, v. 1. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, s.d.

Buchen, Tim; Matzke, Judith. *Volksgemeinschaft global? Der Volksbund für das Deutschtum im Ausland 1934–1942. Ein Praxisseminar mit Archivrecherche im Hauptstaatsarchiv* [Comunidade popular global? Comunidade popular global? A Liga Popular para a Germanidade no Exterior 1934–1942. Um seminário prático com pesquisa de arquivo no Arquivo Estadual Central]. Seminário na *Technische Universität Dresden*, 2019/2020. Disponível em: <https://tu-dresden.de/gsw/phil/ige/oeg/studium/praxisrelevanz-1/volksgemeinschaft-global-der-volksbund-fuer-das-deutschtum-im-ausland-1934-1942>. Acesso em: 31 jan. 2024.

116 Chasin, José. *O Integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

Collor, Lindolfo. *Sinais dos tempos*. Rio de Janeiro: Pan Americana, 1942.

Coutinho, Afrânio; Sousa, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*, v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, 2001.

Coutinho, Amélia. “Barroso, Gustavo”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB)*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC), 2010. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gustavo-dodt-barroso>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Dahlhaus, Carl. *Die Idee der absoluten Musik* [A ideia da música absoluta]. Kassel: Bärenreiter, 1978.

Feder, Ernesto. “Teria D. Pedro II convidado Ricardo Wagner para o Rio?”. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1943a, p. 3–4 (primeira parte); 21 mar. 1943b, p. 5 (segunda parte); 28 mar. 1943c, p. 3 (terceira parte); 4 abr. 1943d, p. 3 (quarta parte).

Franzbach, Martin. “Deutsche Feindpropaganda nach Spanien und Lateinamerika im I. und II. Weltkrieg [Propaganda alemã inimiga para a Espanha e América Latina na Primeira e Segunda Guerras Mundiais]”. *Iberoamericana (1977–2000)*, v. 14, n. 1 (39), p. 26–32, 1990.

Fritz, Sven. *Houston Stewart Chamberlain als politischer Akteur*, s.d. Disponível em:

[https://www.geschkult.fu-berlin.de/e/fmi/bereiche/puschner/promotion/doktoranden/Sven\\_Fritz.html](https://www.geschkult.fu-berlin.de/e/fmi/bereiche/puschner/promotion/doktoranden/Sven_Fritz.html). Acesso em: 30 nov. 2024.

Fritz, Sven. *Houston Stewart Chamberlain: Rassenwahn und Welterlösung. Biographie*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2022.

Geiger, Friedrich. *Musik in zwei Diktaturen. Verfolgung von Komponisten unter Hitler und Stalin*. Kassel: Bärenreiter, 2004.

Gertz, René E. “Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica”. *Textos de História*, v. 16, n. 2, p. 119–149, 2008.

Gertz, René E. “Imigração, história, literatura: a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 152, p. 97–113, jul. 2017.

Gertz, René E. “Influência política alemã no Brasil na década de 1930”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, v. 7, n. 1, p. 85–105, 1996.

Gertz, René E. *Entrevista concedida ao Portal GZH*, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2021/11/rene-gertz-historiador-que-estuda-o-nazismo-a-harmonia-requer-que-todos-os-extremismos-sejam-combatidos-ckvv31b9fooro19mrazamg.html>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Gertz, René E. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Gliech, Oliver C. “*Das Ibero-Amerikanische Institut (Berlin) in der NS-Zeit: Grundprobleme einer Untersuchung* [O Instituto Ibero-Americano (Berlim) no período nacional-socialista: Problemas fundamentais de uma investigação]”. *Iberoamericana* (1977–2000), v. 14, n. 1 (39), p. 5–16, 1990.

Gliech, Oliver C. “*Wilhelm Faupel. Generalstabsoffizier, Militärberater, Präsident des Ibero-Amerikanischen Institut* [Wilhelm Faupel: Oficial do Estado-Maior, Consultor Militar, Presidente do Instituto Ibero-Americano]”, in: Liehr, Reinhard; Maihold, Günther; Vollmer, Günter (ed). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus* (*Bibliotheca Ibero-Americana*, v. 89). Frankfurt am Main: Vervuert, 2003. p. 131–280.

Hall, David Ian. “*Wagner, Hitler, and Germany’s Rebirth after the First World War* [Wagner, Hitler e o renascimento da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial]”. *War in History*, v. 24, n. 2, p. 154–175, 2017.

Harms-Baltzer, Käte. *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930–1938* [A nacionalização dos imigrantes alemães e de seus descendentes no

Brasil como problema das relações Alemanha-Brasil 1930–1938] (*Bibliotheca Ibero-Americana*, v. 14). Berlim: Colloquium Verlag Berlin, 1970.

Hoelz, Maurício. “O espelho de Macunaíma: o *Ensaio sobre música brasileira* para além do nacionalismo”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 599–627, 2018.

Hunsche, Carlos Henrique. *Ritter/Roth und Kessler. Zwei 1846 nach Brasilien eingewanderte Familien und deren rheinische[n] Vorfahren* [Ritter/Roth e Kessler. Duas famílias emigradas para o Brasil em 1846 e seus antepassados renanos]. São Leopoldo: s.n., 1961.

Klein, Marcus. “*Our Brazil will awake!* The Acção Integralista Brasileira and the failed quest for a fascist order in the 1930s”. *Cuadernos del Cedla*. Amsterdam: Centre for Latin American Research and Documentation, 2004.

Klein, Renato. “Heinrich Hunsche segundo Carlos Henrique Hunsche”. *Fato Novo*, São Sebastião do Caí (RS), 6. jun. 2022. Disponível em: <https://fatonovo.com.br/blogs/historias-do-vale-do-cai/heinrich-hunsche-segundo-carlos-h-hunsche/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Lacombe, Américo Jacobina. “D. Pedro II e Wagner”. *Revista Brasileira*, v. 4, n. 9, p. 137–141, abr. 1944.

118 Lemos, Renato. “Collor, Lindolfo”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB)*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC), 2010. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lindolfo-leopoldo-boekel-collor>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Liehr, Reinhard; Maihold, Günther; Vollmer, Günter (ed). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus* (*Bibliotheca Ibero-Americana*, v. 89). Frankfurt am Main: Vervuert, 2003.

Lohmeier, Anke-Marie. “‘Es ist also doch ein sehr privates Buch’. Über Klaus Manns *Mephisto*, Gustaf Gründgens und die Nachgeborenen [‘É ele portanto um livro muito pessoal’. Sobre *Mephisto*, de Klaus Mann, Gustaf Gründgens e a posteridade]”. *Text und Kritik. Sonderband Klaus Mann*. Munique: edition text + kritik, 1993 [1.ª ed. 1987]. p. 100–128.

Mann, Klaus. *Mephisto: Roman einer Karriere*. Reinbek: Rowohlt Verlag, 2019 [1.ª ed. 1936].

Mariz, Vasco. “D. Pedro II, admirador de Wagner”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 149, v. 306, Rio de Janeiro, jul.-set. 1988, p. 269–370.

Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*, v. 3 (1855–1877). São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.



- Oberacker Jr., Karl Heinrich [Carlos Henrique]. *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. 2.<sup>a</sup> ed. São Leopoldo: s.n., 1978 [1.<sup>a</sup> ed. 1955].
- Pätzold, Kurt. “Gleichschaltung”. Benz, Wolfgang; Graml, Hermann; Weiß, Hermann (ed.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus (Digitale Bibliothek, v. 25), Teil II: Lexikon*. Stuttgart: Klett-Cotta, Directmedia, 1999. p. 1.488–1.490.
- Pereira Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- Potter, Pamela. *Most German of the Arts: Musicology and Society from the Weimar Republic to the End of Hitler's Reich* [A mais alemã das artes: musicologie e sociedade da República de Weimar até o final do Reich de Hitler]. Londres e New Haven: Yale University Press, 1998.
- Py, Aurélio da Silva (Tenente-Coronel). “Hitler quer o Brasil para 1950”. *Diretrizes (Revista Semanal)*, Rio de Janeiro v. 5, n. 89, p. 3, 26, 28 e 33, 12 mar. 1942.
- Rios, José Arthur. “Alemães do Brasil”. *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, n. 713, p. 45–75, ago. 2014.
- Romero, Silvio. *História da literatura brasileira*. v. 1. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.
- Romero, Silvio. *O alemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar*. Rio de Janeiro: H. Ribeiro & C., 1906.
- Romero, Sílvio. *Zéverissimas inéptas da crítica (repulsas e desabafos)*. Porto: Oficinas do Comércio do Porto, 1909.
- Schuler, Friedrich. “Vom Kulturinstitut zum ss-Institut? Das Ibero-Amerikanische Institut im Dritten Reich [De instituto cultural a instituto da ss? O Instituto Ibero-Americano no Terceiro Reich]”, in: Liehr, Reinhard; Maihold, Günther; Vollmer, Günter (ed.). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus (Bibliotheca Ibero-Americana, v. 89)*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2003. p. 351–408.
- Seyferth, Giralda. “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”, in: Pandolfi, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199–228.
- Six, Franz Alfred. “Das Deutsche Auslandswissenschaftliche Institut im Jahre 1944 [O Instituto Alemão de Estudos Internacionais no ano de 1944]”. *Zeitschrift für Politik*, v. 34, n. 10/12, p. 393–397, out.-dez. 1944.
- Smith, Natalia. “Argentiniens”, in: Benz, Wolfgang; Graml, Hermann; Weiß, Hermann (ed.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus (Digitale Bibliothek, v. 25), Teil II: Lexikon*. Stuttgart: Klett-Cotta, Directmedia, 1999. p. 956–958.
- Stevenson, Robert. “Wagner's Latin American Outreach (to 1900) [O alcance de Wagner na América Latina (até 1900)]”. *Inter-American Music Review*, v. 5, n. 2, p. 63–88, 1983.

Vidal, João; Draghi, Giulio. “Entre universalismo e *idealità* latina — A historiografia musical brasileira de Vincenzo Cernicchiaro”, in: Cernicchiaro, Vincenzo. *História da música no Brasil: dos tempos coloniais aos nossos dias (1549–1925)*. Edição crítica, tradução, introdução e notas por Giulio Draghi e João Vidal, apresentação de Antonio Alexandre Bispo. Rio de Janeiro: Ricercare Editora e Fundação Biblioteca Nacional, Coordenadoria de Editoração, 2022. p. xxix–ci.

Vidal, João. “Alberto Nepomuceno e o germanismo no Brasil”, in: Vidal, João Vicente; Montez, Luiz Barros (ed.). *Rio de Janeiro-Alemanha: relações musicais*. Rio de Janeiro: Escola de Música, 2015. p. 16–37.

Vidal, João. *Formação germânica de Alberto Nepomuceno: estudos sobre recepção e intertextualidade*. Rio de Janeiro: Escola de Música, 2014.

Vogt, Olegário Paulo. “O alemanismo e o ‘perigo alemão’ na literatura brasileira da primeira metade do século xx”. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 225–258, dez. 2007.

Volpe, Maria Alice. “A Teoria da Obnubilação Brasília na história da música brasileira: Renato Almeida e ‘A sinfonia da terra’.” *Música em Perspectiva*, n. 1, v. 1, p. 58–71, 2008.

Wagner, Richard. *Mein Leben* [Minha vida], v. 2. Munique: F. Bruckmann, 1911 [1.<sup>a</sup> ed. 1872].

Weinland, Helmuth. “Wagner zwischen Hegel und Hitler [Wagner entre Hegel e Hitler]”. *Richard Wagner: Zwischen Beethoven und Schönberg*. Munique: edition Text + Kritik, 1988. p. 3–30.

Weissheimer, Egídio. “Imigração alemã ao Brasil e Rio Grande do Sul — 1”, in: *Paróquia Martin Luther* (site), abr. 1998. Disponível em: [http://www.mluther.org.br/imigracao/imigracao\\_i.htm](http://www.mluther.org.br/imigracao/imigracao_i.htm). Acesso em: 31 jan. 2024.

### **Publicações de Carlos Henrique Hunsche sobre Wagner**

Hunsche, Carl Heinrich [Carlos Henrique]. “Richard Wagner und Brasilien”. *Ibero-Amerikanisches Archiv*, n. 13, v. 3, p. 199–216, 1939.

Hunsche, Carlos Henrique. “Richard Wagner in Argentinien”. *Südamerika*, Buenos Aires, v. 1, n. 5, p. 378–381, 1950.

Hunsche, Carlos Henrique. “Os projetos de Wagner relativos ao Brasil em 1857: tentativa de uma retificação histórica, com base numa troca de correspondência não publicada”. *Humboldt: Revista para o Mundo Luso-Brasileiro* (Alberto Theile, ed.). v. 11, n. 23, p. 80–84, 1971.

## JOÃO VIDAL

Doutor em Musicologia pela Universidade de São Paulo (USP) com estágio de pesquisa na *Humboldt-Universität zu Berlin* (2011), com Mestrado e Graduação em Música (Piano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Professor Associado da Escola de Música da UFRJ. Bolsista de agências como DAAD, CAPES, CNPq e *Fondazione Giorgio Cini* de Veneza, recebeu distinções como o “1.º Prêmio José Maria Neves” da ANPPOM (2005), o “Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música” (2012) e, por seu livro *Formação germânica de Alberto Nepomuceno: estudos sobre recepção e intertextualidade* (2014), o “Prêmio Concerto 2014” da *Revista Concerto*. Coautor de edição crítica, traduzida e comentada da *História da música no Brasil: dos tempos coloniais aos nossos dias (1549–1925)* de Vincenzo Cernicchiaro (2022). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ (Linha de Pesquisa “História e Documentação da Música Brasileira e Ibero-Americana”) e líder do Grupo de Pesquisa CAPES-CNPq “Núcleo de Pesquisas em Edição Musical da UFRJ”, é desde 2019 editor-chefe da *Revista Brasileira de Música*. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ (2019–2024). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9507-5042>. E-mail: [joaovidal@musica.ufrj.br](mailto:joaovidal@musica.ufrj.br)